



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CÂMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

MARIA ROBERTA MEDEIROS ANGELIM

**SORORIDADE E REDES SOCIAIS: A POSSIBILIDADE DE UMA ALIANÇA
ENTRE MULHERES DENTRO DAS REDES DIGITAIS**

**CAMPINA GRANDE
2023**

MARIA ROBERTA MEDEIROS ANGELIM

**SORORIDADE E REDES SOCIAIS: A POSSIBILIDADE DE UMA ALIANÇA
ENTRE MULHERES DENTRO DAS REDES DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para obtenção do título de mestra em Serviço Social.

Linha de Pesquisa: Gênero, diversidade e relações de poder

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Idalina Maria Freitas Lima Santiago

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A582s Angelim, Maria Roberta Medeiros.
Sororidade e redes sociais: a possibilidade de uma aliança entre mulheres dentro das redes digitais [manuscrito] / Maria Roberta Medeiros Angelim. - 2023.
85 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Idalina Maria Freitas Lima Santiago , Departamento de Serviço Social - CCSA. "

1. Sororidade. 2. Feminismo. 3. Facebook. 4. Vamos juntas. I. Título

21. ed. CDD 305.4

MARIA ROBERTA MEDEIROS ANGELIM

**SORORIDADE E REDES SOCIAIS: A POSSIBILIDADE DE UMA ALIANÇA
ENTRE MULHERES DENTRO DAS REDES DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para obtenção do título de mestra em Serviço Social.

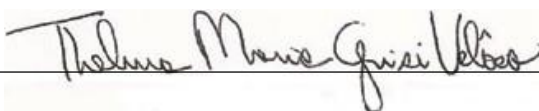
Linha de Pesquisa: Gênero, diversidade e relações de poder

Aprovada em 31 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Idalina Maria Freitas Lima Santiago (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (PPGSS/UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Thelma Maria Grisi Veloso
(Examinadora Interna – PPGSS/UEPB)



Adriana Alves Rodrigues
(Examinadora Externa – MOBJOR/UEPB)

Dedico a minha família, especialmente meu companheiro Silvio, minha filha Sara que acreditaram, torceram e contribuíram para que esse sonho se concretizasse.

AGRADECIMENTOS

O mestrado foi um caminho longo, prazeroso e ao mesmo tempo difícil. Enfrentamos uma pandemia em meio a essa trajetória, nos afastando da sala de aula, trazendo algumas dificuldades e nos mostrando o mundo a partir de uma nova perspectiva. Tudo isso nos fez repensar a forma de fazer pesquisa e de continuar estudando. Nesse momento, me agarrei a quem mais amo para continuar firme nesse propósito.

Por isso, agradeço imensamente ao meu companheiro de vida, Silvio Melo e a minha filha Sara. Eles foram combustíveis e alegria em dias difíceis dessa minha caminhada. Aos meus pais e irmãos, que mesmo distantes continuaram acreditando que esse sonho seria possível. A minha sogra e minha cunhada, que também presenciaram de perto essa minha trajetória, dando apoio quando precisei.

Agradeço aos meus amigos pela torcida e por me darem forças em vários momentos dessa caminhada, especialmente Jussara Abdala, que me encorajou e contribuiu para que parte dos materiais da minha dissertação chegassem a minha orientadora.

Agradeço imensamente a minha orientadora, que acreditou no meu trabalho e foi também um apoio quando precisei.

Obrigada a cada um(a) de vocês!

“Sororidad é uma dimensão ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Es una experiencia subjetiva de las mujeres que las conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza existencial y política, cuerpo a cuerpo, subjetividad a subjetividad con otras mujeres, para contribuir a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderío genérico de todas y el empoderamiento vital de cada mujer.”

(Lagarde y de Los Ríos, 2016, p. 21).

RESUMO

O presente trabalho analisou de que forma acontece a prática de sororidade entre mulheres através do grupo virtual Vamos Juntas de Campina Grande - PB. Para isso, tivemos os seguintes objetivos específicos: investigar como se deu o processo de constituição do grupo; verificar se o grupo se configura como um meio de ativismo social na *internet*, defendendo bandeiras do feminismo; entender por que as mulheres buscaram construir uma aliança através desse espaço; conhecer as principais demandas que chegam ao grupo; identificar o conteúdo das postagens com maior interação; realizar revisão bibliográfica acerca da sororidade. A inquietação para a pesquisa se deu pela escassez de estudos sobre a prática da sororidade, a importância que esse termo assume no feminismo contemporâneo, a dimensão que as redes sociais têm ganhado na vida das mulheres que buscam se unir e conhecer as maiores necessidades de quem integra esse espaço. Realizamos pesquisa do tipo descritivo-analítica, com abordagem quanti-qualitativa. A coleta de campo foi feita em dois momentos: através da utilização de entrevista do tipo semiestruturada realizada, por gravação de áudio via *WhatsApp* e por escrito, com as administradoras do grupo Vamos Juntas; e através da verificação do conteúdo das mensagens postadas pelas integrantes no grupo. Tomamos como referência as publicações de agosto, setembro e outubro de 2022. A técnica utilizada para o tratamento dos dados foi a análise de conteúdo temática. A investigação nos revelou que o grupo Vamos Juntas passou por uma reconfiguração e as demandas de violências domésticas passaram a ser tratadas de forma privada. Apesar dessa reconfiguração, o grupo resiste e se configura como um espaço seguro e de acolhimento. A prática da sororidade no grupo ocorre a partir de várias demandas: quando as integrantes buscam e oferecem serviços; quando existe a prestação voluntária de esclarecimentos jurídicos; quando há cuidado ao indicar moradia e transportes para as mulheres; no encaminhamento de doações de roupas, alimentos, móveis etc. A incidência de ativismo feminista aparece principalmente, nas postagens relacionadas a política partidária, porém ele é pequeno comparado as demais demandas. O número de curtidas e comentários das postagens é pequeno comparado a quantidade de participantes do grupo. Concluímos que a sororidade se manifestou relativamente ativa, porém ela é considerada fraca quando analisada pelo viés da interação.

Palavras-chave: Sororidade. Feminismo. *Facebook*. Vamos Juntas.

ABSTRACT

This study examines the practice of sorority among women in the virtual group "Vamos Juntas" from Campina Grande, PB. The specific objectives were to investigate the group's formation process, ascertain whether it functions as a platform for internet-based social activism, advocating feminist causes, understand the motivations behind women seeking to form alliances within this platform, identify the primary demands presented to the group, examine the content of highly interactive posts, and conduct a literature review on sorority. The research was prompted by the paucity of studies on sorority practice, the significance of this concept in contemporary feminism, and the growing influence of social networks in women's lives as they seek solidarity and mutual understanding in this digital space. The study adopts a descriptive-analytical approach, utilizing both quantitative and qualitative methodologies. Data collection occurred in two stages: through semi-structured interviews conducted via audio recordings and written exchanges on WhatsApp with the administrators of the "Vamos Juntas" group, and by analyzing the content of messages posted by group members. Publications from August, September, and October 2022 were used as the reference period for data analysis. Thematic content analysis was employed as the data processing technique. The investigation revealed that the "Vamos Juntas" group underwent a reconfiguration, with issues of domestic violence being addressed privately. Despite this reconfiguration, the group persisted as a strong and supportive environment. Sorority was observed within the group through various means, such as members seeking and offering services, providing voluntary legal advice, offering support in finding housing and transportation for women, and forwarding donations of clothing, food, furniture, among other activities. While feminist activism was primarily evident in posts related to party politics, its presence was comparatively smaller when compared to other demands. The number of likes and comments on posts was also modest in comparison to the group's total number of participants. As a result, the manifestation of sorority appeared relatively active but was considered weak when analyzed in terms of interaction.

Keywords: Sorority, Feminism, Facebook, Vamos Juntas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Arquivo da pesquisa	51
Figura 2 – Arquivo da pesquisa	52
Figura 3 – Arquivo da pesquisa	52
Figura 4 – Arquivo da pesquisa	53
Figura 5 – Arquivo da pesquisa	54
Figura 6 – Arquivo da pesquisa	55
Figura 7 – Arquivo da pesquisa	57
Figura 8 – Arquivo da pesquisa	57
Figura 9 – Arquivo da pesquisa	58
Figura 10 – Arquivo da pesquisa	58
Figura 11 – Arquivo da pesquisa	59
Figura 12 – Arquivo da pesquisa	60
Figura 13 – Arquivo da pesquisa	61
Figura 14 – Arquivo da pesquisa	61
Figura 15 – Arquivo da pesquisa	62
Figura 16 – Arquivo da pesquisa	63
Figura 17 – Arquivo da pesquisa	64
Figura 18 – Arquivo da pesquisa	64
Figura 19 – Arquivo da pesquisa	65
Figura 20 – Arquivo da pesquisa	65
Figura 21 – Arquivo da pesquisa	66
Figura 22 – Arquivo da pesquisa	66
Figura 23 – Arquivo da pesquisa	67

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....	68
---------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Distribuição das publicações por área de conhecimento.....	27
GRÁFICO 2 – Distribuição das publicações no período de 2009 a 2021.....	28
GRÁFICO 3 – Distribuição das postagens por conteúdo e número de recorrências – Agosto de 2022.....	51
GRÁFICO 4 – Distribuição das postagens por conteúdo e número de recorrências – Setembro de 2022.....	56
GRÁFICO 5 – Distribuição das postagens por conteúdo e número de recorrências – Outubro de 2022.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 SORORIDADE EM DEBATE	26
2.1 <i>Design</i> e Publicidade	29
2.2 Direito	29
2.3 Educação	30
2.4 Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidade	32
2.5 Ciências Sociais e Antropologia	33
2.6 Comunicação e Jornalismo	35
2.7 Linguística, Letras, Literatura e Artes	37
2.8 Teologia	38
3 A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO VAMOS JUNTAS E A ATUAÇÃO DAS ADMINISTRADORAS/MEDIADORAS	39
4 UMA ANÁLISE DAS POSTAGENS DO GRUPO VAMOS JUNTAS	48
4.1 Postagens do Vamos Juntas em agosto de 2022	50
4.2 Postagens do Vamos Juntas em setembro de 2022	56
4.3 Postagens do Vamos Juntas em outubro de 2022	63
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A	83
APÊNDICE B	84
APÊNDICE C	85

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, com as revoltas das operárias e o movimento sufragista na Europa, as mulheres exigiam o direito ao voto, os princípios de liberdade e igualdade. Assim, as primeiras pautas desses movimentos, pertencentes ao que se denomina primeira onda do feminismo, apresentavam reivindicações por melhores condições de trabalho, como: salário, redução da jornada e salubridade, e pela conquista de direitos políticos como o voto (MARTINS, 2015).

A primeira onda do feminismo foi orquestrada por mulheres brancas, de classe média da Europa e Estados Unidos. Essa luta resultou formação de associações de mulheres, panfletagens, publicações em jornais, manifestações, greves, congressos e passeatas (ZIRBEL, 2021).

No Brasil, a primeira onda do feminismo foi introduzida pela escritora e educadora feminista Nísia Floresta, nascida no Rio Grande do Norte. Ela trouxe ao país obras importantes que discutiam pautas feministas. Periódicos com ideias feministas também começaram a circular pelas principais cidades do país.

E Nísia Floresta é importante principalmente por ter colocado em língua portuguesa o clamor que vinha da Europa, e feito a tradução cultural das novas ideias para o contexto nacional, pensando na mulher e na história brasileira. Ao se apropriar do texto europeu para superá-lo, ela se insere numa importante linhagem antropofágica da literatura brasileira, que desde Gregório de Matos estava inaugurada. Na deglutição geral das ideias estrangeiras, era comum promover-se uma acomodação das mesmas ao cenário nacional, e é o que ela faz. Tanto que o título de seu livro contém não apenas a ideia dos rights of woman, mas também "a injustiça dos homens (COSTA; SARDENBERG, 2007, p. 25).

Na segunda metade do século XX, quando se identifica o surgimento da chamada segunda onda do feminismo, o movimento incorpora pautas culturais, desta vez relacionadas ao questionamento dos padrões sociais que atribuem a homens e a mulheres papéis específicos nas relações afetivas, na vida política e no trabalho, o que estaria na base da preservação das desigualdades.

França, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha são locais especialmente notáveis para observarmos intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens, enfim, diferentes grupos que, de muitos modos, expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento (LOURO, 1997, p. 3)

Nesse momento, segundo Martins (2015) o *slogan* “o pessoal é político” ganhou dimensão e discursões, devido a sexualidade passar a ser vista como uma relação de poder, constitutiva da ordem patriarcal.

Na “segunda onda feminista”, as mulheres ampliaram sua atuação na política, historicamente uma arena de participação majoritária de homens e também questionaram a concepção de política vigente. “Politizar o privado” seria uma bandeira fundamental encampada por diferentes vertentes do movimento feminista e que não se restringia a este movimento, relacionando-se ao contexto político dos anos 1960-1970. É deste momento a consigna ainda atual que denuncia a opressão que a mulher sofre também no âmbito doméstico e questiona a divisão entre público e privado (CESTARI, 2013, p. 1.472).

A segunda onda do feminismo também levou as militantes feministas a adentrarem no mundo acadêmico. Elas levam para dentro das universidades as suas pautas e reivindicações entrelaçando o fazer com o estudo, fazendo surgir várias pesquisas com temas relacionados às mulheres.

A obra *o Segundo Sexo* da escritora francesa Simone de Beauvoir foi publicada em 1949 e traduzida para vários idiomas. Neste livro ela questionava que os homens se autodesignavam os representantes da sociedade e tendo mulher como inferior.

Em 1963 Betty Friedan publicou a obra *A Mística Feminina* na qual mostrava que o sistema educacional vigente e a publicidade direcionavam as mulheres apenas para o trabalho doméstico.

Nos anos de 1990 surgiu a chamada terceira onda do feminismo. Esse período foi marcado por grandes mudanças na sociedade ocidental como o fim da União Soviética, a queda do muro de Berlim, a dissolução das ditaduras militares na América Latina e a ascensão do neoliberalismo e o crescimento do imperialismo cultural dos Estados Unidos, no mundo (QG FEMINISTA, 2018).

Nessa terceira onda, o feminismo traz a discursão sobre a diversidade fazendo uma crítica ao uso da categoria “mulher”, pois dentro desse termo existia uma pluralidade de mulheres de diferentes raças, credos, cores, culturas e com mais ou menos privilégios. É durante esse período que acontece um maior diálogo da militância com o Estado, na construção de políticas públicas voltadas para as mulheres. As novas tecnologias deram maior visibilidade ao movimento. É também nessa terceira onda que a categoria gênero toma fôlego no debate feminista.

Segundo Zirbel (2021), as feministas latinas, negras, revolucionárias, proletárias, lésbicas, pró-sexo, antipornografia fomentaram o debate feminista por

todo o século XX, evidenciando a grande diversidade do feminismo (de indivíduos, grupos, pautas, estratégias). Ela diz que é possível com o avanço das novas tecnologias da comunicação. Esses grupos conquistaram maior visibilidade no início da década de 1990, ao lado das feministas brancas e de classe média que as mídias tradicionais colocavam em evidência.

Ainda segundo Zirbel (2021), foi durante a terceira onda do feminismo que ocorreram as manifestações em massa com pautas feministas, a exemplo da Marcha Mundial de Mulheres, um movimento feminista internacional em que grupos de mais de 150 países produziram e entregaram a ONU um documento assinado por 5 milhões de pessoas, que reivindicavam o enfrentamento da pobreza e da violência contra as mulheres. No Brasil, a Marcha das Margaridas reuniu cerca de 20 mil agricultoras, quilombolas, indígenas, pescadoras e extrativistas que reivindicavam contra a fome, a pobreza e a violência sexista e defendem o desenvolvimento sustentável, a justiça social e a democracia.

A chamada quarta onda do feminismo se confunde com a chegada da *internet*, responsável por causar um grande impacto no movimento, principalmente a partir da década de 1990. O ciberativismo, ou seja, o ativismo através da *internet*, fortaleceu o movimento, se tornou um novo espaço de articulação, conseguindo reunir mulheres de diferentes culturas e regiões em torno das pautas defendidas pelo movimento. A obra *Manifesto Ciborgue*, também foi um marco importante para esse novo momento do movimento feminista, escrito pela bióloga Donna Haraway em 1984.

Donna Haraway, propõe um rompimento com o marxismo, o feminismo radical e outros movimentos sociais que fracassaram ao operar com categorias como classe, raça e gênero. Em relação ao movimento feminista, a crítica de Haraway diz respeito ao modo como ele vem operando com a categoria "mulher" de uma forma naturalizada. Sendo assim, seria necessário romper com essa política da identidade e substituí-la pelas diferenças e por uma coalizão política baseada na afinidade e não numa identificação concebida como "natural". O ciborgue seria, assim, o modelo, o mito fundante dessa nova política de identificação construída a partir da afinidade, longe da lógica da apropriação de uma única identidade (LEMOS, 2009, p. 7).

Com a expansão da *internet* banda larga, gerou-se, segundo Queiroz (2017), uma disseminação rápida das informações em todas as partes do mundo, inclusive dos ativistas através de *blogs*, redes sociais e outros inúmeros canais de comunicação.

De acordo com Ramírez (2009) esse novo ativismo que hoje acontece nas redes sociais, teve seu surgimento durante a revolta Zapatista, que aconteceu em 1994, no México, quando o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), sob a liderança do Subcomandante Marcos, conclamou os indígenas do Estado de Chiapas, no México, a lutar por mais autonomia local, ao mesmo tempo em que denunciava a globalização neoliberal.

Esse novo ativismo ganhou força, a partir da onda de protestos ocorrida na denominada Primavera Árabe, ocorrida em 2010, no norte da África e o Oriente Médio. Os protestos tiveram início com o suicídio de Mohammed Bouazizi devido ao confisco, pelo governo da Tunísia, de sua barraca de legumes que era sua única forma de sustento. A partir desse ato, as revoluções e protestos marcaram vários países. Os ativistas usavam técnicas de resistência civil combinadas com greves, manifestações e passeatas, com amplo uso das redes sociais para difusão das ideias revolucionárias (ROSINY, 2012 *apud* QUEIROZ, 2017. p. 2)

Aqui no Brasil, segundo Melo e Vaz (2018), a *internet* foi o espaço para articulação de protestos contra o aumento das tarifas do transporte coletivo, insatisfação com a política, corrupção, violência policial, problemas da saúde e educação. A cobertura dessas manifestações foi feita em grande parte através de telefones celulares e divulgados nas redes sociais por ativistas.

Os movimentos sociais que utilizam a *internet* como principal meio de articulação possuem três características. Segundo Castells (2003) *apud* Queiroz, (2017), a primeira característica diz respeito aos movimentos culturais que utilizam os meios de comunicação para trabalhar os princípios e valores do modo de vida que defendem, na segunda característica esses movimentos sociais necessitam tornar-se uma alternativa em relação à crise das organizações políticas verticais e engessadas da era industrial e na terceira característica, a *internet* cria a possibilidade de globalização dos movimentos sociais, de transformar uma causa local em global, sobretudo, no combate ao poder e à mídia tradicional.

Todas essas ondas relacionadas ao movimento feminista acontecem na tentativa de se contrapor a desigualdade de gênero. Como diz Safiotti (1987), o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual. Ainda em relação a desigualdade de gênero, a autora faz a seguinte afirmação:

A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não

é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência (SAFIOTTI, 2015, p. 82).

Todo esse arcabouço que traz o homem como protagonista prega o discurso de que as mulheres são inimigas e que a rivalidade é intrínseca a condição feminina. Esse discurso perpassa a nossa cultura e se faz presente no senso comum, atingindo desde os contos de fadas até a literatura e músicas.

Uma das vertentes da dominação masculina e de sua violência simbólica encontra-se na ideia de que as mulheres são rivais, sendo uma inimiga da outra, com isso, as mulheres brigam entre si afastando o verdadeiro inimigo que é a dominação masculina e suas consequências (SILVA, 2016, p. 14).

Na contramão desse discurso, no qual as mulheres são colocadas como inimigas, o surgimento de um termo traduz o contrário: sororidade. Segundo Penkala (2015), a palavra vem do latim “*soror*”, que quer dizer irmã.

Uma das lutas feministas é combater essa inimizade, não só fortalecendo, mas promovendo a sororidade. “Ao estabelecer essas relações de sororidade, as mulheres conseguiriam lutar para eliminar as formas de opressão, violência e exploração”. (MARTINS, 2019, p. 32 *apud* GARCIA; SOUZA, 2015, p. 1004)

No movimento feminismo lésbico, por exemplo, que teve início na década de 1960 com a revolta de Stonewall¹, Adrienne Rich afirma em seu livro *A heterossexualidade compulsória e existência lésbica* que: “A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade” (RICH, 1993, p. 40).

Em 1968 o grupo Mulheres Radicais de Nova York trouxe a sororidade como algo poderoso ao escrever em um panfleto a frase “a irmandade de mulheres é poderosa”. Segundo Zirbel (2021), dois anos depois da divulgação desse panfleto, Robin Morgan editou uma coletânea de textos feministas sobre esse título disseminando de vez essa expressão quanto a ideia contida nela.

¹ No dia 28 de junho de 1969, nos EUA, gays, lésbicas e trans se uniram num evento que marcou a luta pela cidadania da comunidade LGBT mundo afora. A chama acesa em Stonewall se alastrou por diversos países, chegando ao Brasil no final da década de 1970, em plena ditadura militar (MOVIMENTO LÉSBICO BRASILEIRO: HISTÓRIA, PAUTAS E CONQUISTAS. politize.com.br, 2021. Disponível em: <www.politize.com.br/movimento-lesbico-brasileiro/>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

No final dos anos 1960, a escritora norte-americana e feminista radical, Kate Millet usou o termo *sisterhood* para se referir a união de todas as mulheres sem fazer distinção de classes sociais ou origem étnica, segundo Câmara (2017).

O emprego das palavras *sister* e *sisterhood*, afirma Leal (2019) tem raízes no contexto do movimento *Black Freedom* e no discurso religioso protestante durante a primeira onda do feminismo norte americano.

Sobre o uso do termo *sisterhood*, na década de 1960 nos Estados Unidos, Hooks (2018) afirma que ele ia além do reconhecimento de experiências comuns e do alívio terapêutico de seu compartilhamento, criando conexões que adquiriam contornos materiais e transcendiam seus espaços, como nas iniciativas de suporte financeiro e psicológico a vítimas de estupro e na criação de redes para viabilizar o aborto, entre outras ações.

Nos últimos anos, segundo Penkala (2015), o movimento feminista tem se apropriado desse termo que ressalta a importância da união entre as mulheres, como uma forma de auxiliar na luta contra o machismo, a violência simbólica e se constituindo como uma aliança baseada na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum.

Apesar de já ser usada na linguagem coloquial, a palavra sororidade só foi incluída no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), lançado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), em julho de 2021.

Com a velocidade das informações difundidas na *internet*, principalmente através das redes sociais, que se caracterizam como novos espaços de articulação Becker e Barbosa (2016) afirmam que a palavra sororidade tem sido utilizada em grupos privados e também perfis públicos do movimento de mulheres, na tentativa de estabelecer e transformar não somente suas relações com outras mulheres, mas, sobretudo, buscar transformações sociais especialmente políticas, econômicas e jurídicas.

Segundo Leal (2019), a sororidade ocupou o 5º lugar no *ranking* das palavras mais buscadas através da ferramenta de *internet Google*, no ano de 2017. Segundo a autora, isso se deu em função do interesse das pessoas para conhecerem o significado do termo.

É importante conhecer e entender os termos novos e antigos que permeiam os debates feministas para poder se posicionar corretamente, empregá-los e analisá-los.

Assim, torna-se necessário, no escopo dessa introdução, fazer uma breve reflexão acerca do termo sororidade.

A palavra sororidade começou a se ressignificar e ganhar força ao ser utilizada pelo movimento feminista e citada por várias mulheres no sentido de uma união para lutar contra as mais variadas formas de opressão e violência e se ajudarem mutuamente. Segundo Beker e Barbosa (2016), a sororidade é fundamental para que uma mulher possa se colocar no lugar da outra, praticando a empatia e combatendo a misoginia.

Alguns autores alegam que esse movimento pautado na aliança é utópico, pois as diferentes realidades e a diversidade das relações de poder também se fazem presentes nas formas de convivência de mulheres com mulheres. Como afirmam Silveira e Alda (2018), a abordagem sobre o assunto nas redes de comunicação vem tomando um caráter utópico que, além mistificar um ideal inalcançável na prática, afasta diversos grupos de mulheres em consequência da discussão ser fomentada através de uma perspectiva homogênea.

Miguel (2014) diz que tentar entender os problemas das mulheres como comuns a todas, sem levar em conta elementos como raça, classe, renda ou orientação sexual, seria silenciar sobre a multiplicidade de experiências específicas que compõem a condição feminina.

Já para Collin (2016) *apud* Costa (2019) esse movimento pautado na aliança para combater o machismo, a violência e o sexismo foi pensado na ilusão da harmonia e da homogeneidade entre as mulheres, assim como uma ilusão da identidade absoluta entre o privado e político.

A filósofa Márcia Tiburi (2016), por exemplo, diz que não se deve, a partir da crítica do mito da rivalidade feminina, criar o mito da mulher naturalmente compadecida, pois elas são pessoas que experimentam todos os tipos de afetos.

No feminismo latino-americano, a antropóloga mexicana Marcela Lagarde (2012) define a sororidade como uma amizade entre mulheres que mesmo com suas diferenças são cúmplices, se encontram e se reconhecem no feminismo.

La sororidad en el mundo de la enemistad histórica entre nosotras, de la escisión del género femenino en mujeres antagonizadas, pasa por deponer las armas contra las pares, para construir en cada una mujeres que, al cambiar su relación con las otras - enemigas, al convertirlas en amigas, se afirman en la unicidad de sí mismas (LAGARDE, 2012, p. 18).

A citada autora, que faz o resgate do termo dentro do feminismo latino-americano, apresenta, também, a seguinte afirmação em relação a sororidade:

Traigo aquí la sororidad porque es una de las propuestas más radicales de la nueva cultura feminista, porque necesitamos pensarla, proponer mediaciones y actuar. [...] Quisiera ampliarla a todas, como una pedagogía de los descubrimientos y de las preguntas que vamos haciendo las mujeres, quienes aún em condiciones adversas, nos encontramos (LAGARDE 2012, p. 18).

A sororidade começou a ecoar dentro do feminismo contemporâneo, ganhando força principalmente através de campanha publicitárias e de grupos feministas articulados nas redes sociais. Muitas vezes o discurso usado é de impulsionamento.

A sororidade se abre como uma experiência sentimental que carrega uma potência de reconfiguração das relações entre mulheres. Esse sentimento pode promover bases para uma ética feminista que impulsiona ações coletivas sem apagar as diferenças entre as mulheres e sua identidade como indivíduos (LEAL, 2019, p. 9).

As redes sociais, a exemplo das mais populares como *Instagram*, *Facebook*² e *WhatsApp*, que tem milhões de usuários em todo o mundo, tem se solidificado como importantes ferramentas de informação, entretenimento, trabalho, ativismo social, etc. O ambiente virtual diminui distâncias e facilita a interação de pessoas, em tempo real, de onde quer que elas estejam. E tudo isso pode ser feito através de um dispositivo móvel.

A *internet* tem se mostrado um importante canal de comunicação, principalmente para as mulheres no combate à violência de gênero. Através das redes, elas denunciam as violências sofridas através de relatos, vídeos, mensagens, áudios, cobrando punição aos agressores e fazendo aumentar a pressão por justiça a partir do engajamento dos usuários e instituições. Além dessa demanda no combate à violência de gênero, a *internet* tem sido um canal para outros ativismos vinculados ao movimento de mulheres.

Canavilhas (2004) diz que uma marca distintiva da *internet* é a possibilidade desse arquivo ser imediato e global, reduzindo o espaço e o tempo há um momento. Como afirma Recuero (2009, p. 138), “muitos acreditam que a mediação pelo

² “O *Facebook* foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno de Harvard. Lançado em 2004, o *Facebook* é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo” (RECUERO, 2009, p. 171).

computador, inclusive, facilita que os atores demonstrem intimidade e proximidade nas relações sociais”.

Em 2015, a jornalista Babi Souza criou em Porto Alegre o movimento Vamos Juntas, a partir de uma experiência própria. Ela voltava de ônibus à noite, precisava cruzar uma rua escura e deserta para chegar a seu destino e sentiu medo. Ao olhar em volta, viu que diversas outras mulheres caminhavam da mesma forma, apreensivas. Foi quando ela pensou: “E se fossem juntas?”. O movimento lançado inicialmente na *internet* deu origem ao livro *Vamos Juntas: o guia da sororidade para todas*. As iniciativas ganharam repercussão, sobretudo, no espaço virtual e se espalharam para outras cidades do Brasil (SOUZA, 2016).

O Movimento Vamos Juntas chegou a Campina Grande, através de um grupo fechado no *Facebook* ainda em 2015, criado por uma então estudante do curso de Arte e Mídia, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A autora da presente dissertação passou a integrar o referido grupo em 2016 a convite de uma amiga que já fazia parte dele. A participação no grupo a fez observar as discussões que acontecem, os assuntos abordados pelas integrantes, a troca de experiências entre as participantes e, a partir dessa visão, surgiu o objeto de estudo. Enquanto integrante desse espaço, tomou conhecimento que a participação de homens era proibida e que o objetivo principal do grupo era estimular a empatia, a sororidade, ajudando as mulheres a se ajudarem.

Inicialmente, o grupo tinha o objetivo de dividir viagens em veículos cadastrados em aplicativos, táxis e formar grupos de mulheres para irem juntas ao Parque do Povo durante os festejos juninos, pois muitas não se sentiam seguras para irem ao local sozinhas. O intuito era formar uma corrente de ajuda entre as mulheres que frequentavam o local da festa.

Segundo uma das administradoras com quem tivemos a oportunidade de conversar, o grupo não está vinculado diretamente a nenhum movimento feminista, mas muitas integrantes participam de coletivos de mulheres em Campina Grande e outras cidades da Paraíba.

Nessa conversa, a administradora também informou que postagens antes de serem publicadas no grupo passam pelas moderadoras para serem filtradas, com o objetivo tanto de evitar que perfis falsos se infiltrem como também visualizar denúncias que chegam, intermediar as demandas, evitar a publicação de pornografia,

denúncias sem provas, postagens que façam apologia ao machismo, LGBTfobia, transfobia, postagens que incitem a violência ou promovam discussão entre mulheres.

A partir das reflexões expostas anteriormente, a presente dissertação pretende problematizar a sororidade no grupo virtual do *Facebook* Vamos Juntas de Campina Grande - PB, um espaço fechado onde somente mulheres podem participar. Assim, como objetivo geral, busca-se analisar de que forma acontece a prática dessa aliança entre mulheres através do grupo virtual Vamos Juntas de Campina Grande. Neste sentido, tem-se os seguintes objetivos específicos: investigar como se deu o processo de constituição do grupo Vamos Juntas em Campina Grande; verificar se o grupo se configura como um meio de ativismo social na *internet*, defendendo bandeiras do feminismo; entender por que as mulheres buscaram construir uma aliança entre elas através desse espaço virtual; conhecer as principais demandas que chegam ao grupo; identificar o conteúdo das postagens que tiveram o maior número de interação; realizar revisão bibliográfica acerca da temática sororidade.

Dentre as questões a serem respondidas a partir dessa pesquisa, destacamos as seguintes: como se deu o processo de constituição do grupo Vamos Juntas e as motivações para isso? Como ocorre essa prática da sororidade e se ela consegue de fato ajudar mulheres? Existe incidência de ativismo pautado nas bandeiras deflagradas pelo feminismo? Existiu algum tipo de intimidação para que alguns assuntos ou denúncias não fossem expostos ou discutidos no grupo? Esta última questão se coloca pelo fato de que muitos movimentos têm suas pautas e reivindicações questionadas, não sendo diferente com os que abordam questões relativas ao feminismo.

A inquietação para essa pesquisa se deu pela escassez de estudos sobre a prática da sororidade, a importância que esse termo assume no feminismo contemporâneo e a dimensão que as redes sociais têm ganhado na vida das mulheres que buscam se unir em busca de objetivos comuns. O conteúdo a ser mostrado nesta pesquisa pode apontar, também, para as maiores necessidades das mulheres que integram esse espaço virtual, podendo ser indicador para a elaboração de alguma política pública ou projetos direcionados para essas demandas.

Para buscar responder a esses questionamentos realizamos uma pesquisa do tipo descritivo-analítica. Privilegiamos a abordagem quanti-qualitativa, por entendermos que os dados quantitativos e qualitativos podem se complementar,

possibilitando uma melhor caracterização da realidade estudada. Realizamos também pesquisa bibliográfica através da ferramenta gratuita Google acadêmico.

A coleta de campo foi realizada em duas abordagens: a primeira através da utilização de entrevista semiestruturada realizada via *WhatsApp*, em forma de áudio e escrita com as administradoras do grupo virtual Vamos Juntas. Inicialmente também entrevistávamos a fundadora do grupo, porém ela recusou-se a responder, alegando questões de saúde.

A escolha por esse tipo de entrevista se deu em virtude da pandemia da COVID-19 e por algumas das administradoras residirem fora de Campina Grande. No momento da pesquisa o grupo possuía oito administradoras e decidimos realizar a entrevista de doze perguntas com todas, por ser um número pequeno e ainda existir a possibilidade de alguma delas ficar indisponível. Cinco administradoras responderam a esse primeiro questionário. Após a recusa da fundadora do grupo em responder aos questionamentos e percebendo que faltavam algumas informações para termos as respostas aos nossos objetivos, elaboramos mais cinco perguntas para serem respondidas pelas administradoras e nesta fase, três responderam e duas não.

A escolha pela entrevista semiestruturada se deu em razão de ser, segundo Gerhardt e Silveira (2009), um instrumento que segue uma estruturação que contempla questões abertas permitindo maior liberdade de expressão às entrevistadas, as quais foram incentivadas a revelar valores e opiniões que se aproximam da realidade social a qual estão inseridas.

Na segunda abordagem, foi realizada uma pesquisa eletrônica e verificado o conteúdo das mensagens postadas no grupo de *Facebook*, pelas integrantes. É classificada como pesquisa eletrônica as informações extraídas “de endereços eletrônicos, disponibilizados em *home page* e *site*, a partir de livros, folhetos, manuais, guias, artigos de revistas, artigos de jornais, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69).

Cabe destacar que a pesquisa foi submetida ao comitê de ética da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e no seu desenvolvimento foram resguardados os aspectos éticos, tendo como preocupação principal o respeito aos princípios presentes na Resolução nº 466/2012³ do Conselho Nacional de Saúde, que

³ <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

regulamenta o desenvolvimento de pesquisas científicas envolvendo seres humanos, para que sejam mantidos o sigilo e a integridade dos/as entrevistados/as.

Os sujeitos entrevistados na pesquisa, todas com mais de 18 anos, tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os Termos se deram em momento anterior à pesquisa, ficando assegurados a ausência de riscos à saúde, o anonimato e a veiculação das informações concedidas apenas para fins científicos.

As mensagens foram quantificadas e divididas nas seguintes categorias: 1) os principais assuntos abordados nessas mensagens e se os temas postados se repetem e 2) se as postagens geraram interatividade a partir do número de curtidas e o número de comentários.

Tomamos como referência as publicações feitas no grupo de *Facebook* Vamos Juntas, de Campina Grande, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022. Essa janela de tempo serviu para analisarmos o tipo de conteúdo discutido no grupo durante o período pós-pandemia⁴ e também durante as campanhas eleitorais para presidente, senador, deputado federal e estadual, em 2022.

Para endossarmos o arcabouço teórico da nossa pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica acerca da sororidade entre os anos de 2009 e 2021. Escolhemos 2019 como o ponto de partida da investigação, por termos encontrado neste ano o primeiro trabalho científico com a palavra-chave sororidade na *internet*. Dessa forma, o termo descritor usado na pesquisa foi a palavra sororidade. Optamos em fazer a pesquisa através da ferramenta *Google Acadêmico* por ela ser gratuita, por podermos escolher o idioma dos trabalhos a serem pesquisados e por reunir uma grande quantidade de trabalhos científicos.

A técnica que utilizamos para o tratamento dos dados qualitativos foi a análise de conteúdo temática que permite compreender criticamente os sentidos e significações explícitas e implícitas na fala dos sujeitos. Essa análise aconteceu obedecendo as seguintes fases propostas por Bardin (2006) que constituem em: 1): a pré-análise – o momento da organização propriamente dito, objetivando operacionalizar e organizar as ideias; 2) a análise do material, que consiste na

⁴ Pós-pandemia: O governo federal anunciou em 22 de maio de 2022 o fim do estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin), decretado em função da pandemia da Covid 19 no Brasil. Somente no Brasil, foram mais de 600 mil vítimas da doença. No dia 11 de março de 2022, a Organização Mundial de Saúde (OMS) havia decretado estado de pandemia em todo o planeta (SENADO, 2022).

codificação e categorização dos dados; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Os dados quantitativos foram coletados e posteriormente distribuídos nas duas categorias de análise, citadas anteriormente, e em seguida analisados estatisticamente.

Os dados serão analisados, tratados e entendidos por meio do uso de estatística, que implica processamento de dados, através da geração (normalmente mediante o emprego de técnicas de cálculo matemático), da apresentação (podem ser organizados em gráficos ou tabelas) e da interpretação. A descrição das variáveis é imprescindível como um passo para a adequada interpretação dos resultados de uma investigação. Dependendo do objeto a ser estudado e de suas características, um tipo de dado, aqui entendido como algo que pode ser convertido em números, pode ser conseguido por meio de um processo de mensuração característico ou tradicional (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 81-82).

Como proposta para a estrutura da dissertação, construímos em três capítulos: o primeiro versa sobre o estado da arte, o qual tomamos como referência as produções científicas que possuem a “sororidade” como palavra-chave; o segundo apresenta o processo de formação e organicidade do grupo virtual Vamos Juntas, em Campina Grande, momento em que nos debruçamos nas análises das entrevistas das administradoras do referido grupo; o terceiro capítulo está voltado para as análises das mensagens postadas no citado grupo de *Facebook*, pelas integrantes, indicando as temáticas abordadas e o nível de interação das postagens. Cabe destacar que as análises dos dois últimos capítulos estarão recheadas de reflexões teóricas pertinentes a partir dos achados da pesquisa.

2. SORORIDADE EM DEBATE

Neste capítulo iremos refletir acerca da bibliografia encontrada com a palavra-chave sororidade em periódicos, revistas eletrônicas e bibliotecas virtuais, as quais tivemos acesso através da *internet* utilizando a ferramenta gratuita *Google Acadêmico*. Foram encontradas 25 publicações em português e que iremos destacar na sequência, entre o ano de 2009⁵ até setembro de 2021.

Elas estão distribuídas da seguinte forma: a) Design e Publicidade (02), b) Direito (01), c) Educação (04), d) Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidade (04),

⁵ Identificamos através de buscas em *sites* de conteúdo científico, acadêmico e periódicos eletrônicos que o primeiro trabalho com a palavra sororidade no título, data de 2009. Por isso, usamos esse ano como referência inicial para a nossa busca bibliográfica.

e) Ciências Sociais e Antropologia (03), f) Comunicação e Jornalismo (05), g) Linguística, Letras, Literatura e Artes (04), h) Teologia (02). Esses números foram colocados no gráfico abaixo, para uma melhor compreensão.

Gráfico 1 – Distribuição das publicações por área de conhecimento

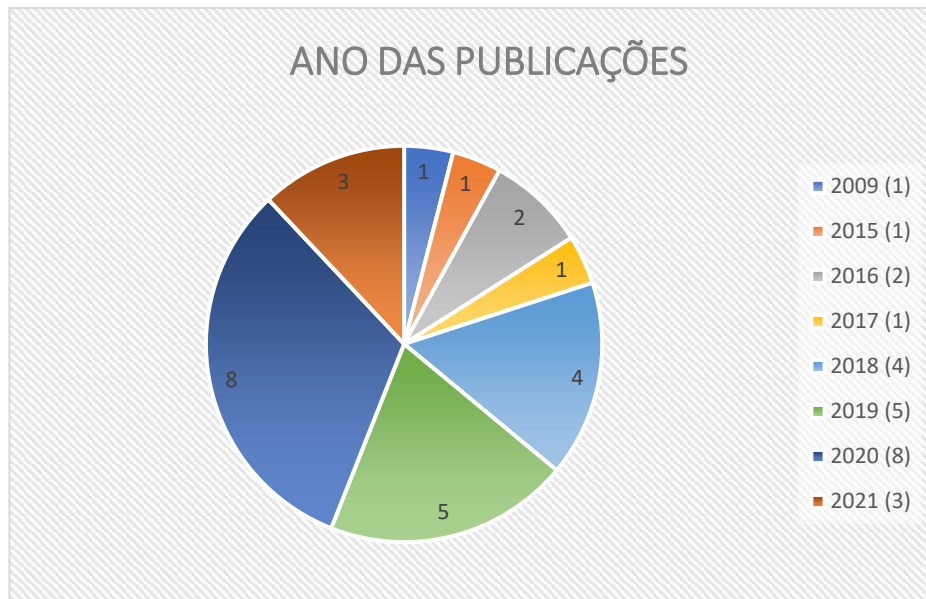


Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar, as áreas nas quais as publicações mais se concentraram são: comunicação e jornalismo, com cinco publicações, em seguida vem as áreas estudos de Gênero Linguística; de Letras, Literatura e Artes; e Feminismo e Sexualidade e Educação, com quatro publicações cada uma. Os números das publicações nas áreas com maior concentração foram bastante equilibrados. Até mesmo a área de que vem em seguida, de ciências sociais e antropologia, também esteve bem perto dos primeiros, tendo apenas um trabalho a menos de diferença. A área de Teologia apesar de ter apenas dois trabalhos, surpreendeu e teve mais do que o direito, por exemplo, que teve apenas uma publicação.

Agora iremos analisar as publicações sobre a temática da sororidade, a partir do número de publicações feitas por ano, durante o período de doze anos, analisado em nossa pesquisa:

Gráfico 2 – Distribuição das publicações no período de 2009 a 2021



Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os anos de 2009 e 2014 não encontramos através da ferramenta gratuita *Google Acadêmico*, nenhuma publicação que tenha a sororidade como uma das palavras-chave.

Percebemos que o ano no qual foram encontradas mais publicações sobre a sororidade foi 2020, com 8 estudos sobre o assunto, o que representa 60% a mais do que o ano de 2019, no qual foram encontrados 5. Se compararmos 2020 com o ano de 2021, houve uma queda no número de publicações em mais de 60%.

Analisando os dados, vemos uma certa estabilidade em relação ao número de publicações entre os anos de 2009 e 2017. De 2018 a 2020 o número de publicações cresceu consideravelmente em relação ao período anterior, e em 2021, o número voltou a cair.

No ano de 2017, quando ocorreu o lançamento do livro da jornalista Babi Souza *Manual Prático de Sororidade*, que inspirou inclusive o nascimento do grupo Vamos Juntas de Campina Grande, apenas 1 produção foi encontrada em nossa busca.

Já no ano de 2020, na qual encontramos o maior número de publicações sobre a sororidade, ocorreu um aumento de 250% nas buscas do *Google* pela palavra, após ela ter sido pronunciada por uma participante do *reality show Big Brother Brasil*, exibido pela TV Globo (SORORIDADE *et al.*, 2020). Talvez tenhamos presenciado o poder de um assunto levantado, até então desconhecidos para muitos, em um dos programas de maiores audiências da TV aberta no Brasil. Vamos conhecer um pouco

sobre o conteúdo desses trabalhos encontrados em nossa pesquisa, de acordo com as áreas de conhecimento.

2.1 Design e Publicidade

Na Publicidade, Ana Paula Gomes Nunes e Rony Petterson Gomes do Vale (2019), relatam que o termo sororidade passou a ser vinculado por várias marcas que usam o discurso de união e empatia como estratégia para atrair consumidoras que se identificam com o feminismo e as que ainda não estão ligadas ao movimento de mulheres. Com o tema *A argumentação no reposicionamento de marca da Avon: do femvertising ao ethos de sororidade*, a autora e o autor abordam o reposicionamento da marca de cosméticos, a qual passa a incorporar o empoderamento feminino e a sororidade no seu discurso institucional.

Já no trabalho *A sororidade como fator de sucesso para a jornada do empreendedorismo feminino através do design thinking*, realizado em 2021, a autora Camila Bonjovani Lamazales busca compreender as questões pessoais e socioculturais relacionadas ao empreendedorismo da mulher na sociedade contemporânea. Para alcançar o objetivo proposto, ela utilizou os conceitos de empreendedorismo feminino, sororidade e *design thinking*. As preocupações principais da autora se referem à posição da mulher na sociedade patriarcal, às concepções equivocadas do feminismo e à necessidade de uma troca colaborativa de conhecimento como forma de superar essa posição. Nesse trabalho a sororidade é colocada como eixo condutor para iniciativas de intercâmbio entre mulheres que possam contribuir para que empreendedorismo feminino tenha êxito para possibilitar a criação de alianças e motivar, ampliar as relações com seus princípios de cooperação e empatia. Foram realizadas entrevistas com empreendedoras brasileiras que identificaram padrões importantes, como: as adversidades em empreender sozinha, os entraves de uma sociedade patriarcal, a dificuldade na relação entre as mulheres e a falta de conexão com o feminismo.

2.2 Direito

Essa área foi a mais escassa em relação ao número de trabalhos com a temática da sororidade encontrados em nossa pesquisa. Em 2020, a Ordem dos

Advogados do Brasil (OAB) lançou a obra *Liberdade, igualdade e sororidade* que reúne artigos com temas relacionados à mulher como violência, descriminalização do aborto, *stalking* (termo em inglês que significa perseguidor). A obra tem como organizadora Daniela Lima de Andrade Borges, a qual afirma na apresentação da coletânea que pretende abrir caminhos para novas perspectivas do feminismo contemporâneo, em um contexto global de ataque aos direitos das mulheres. A organizadora ressalta a importância do feminismo e da participação feminina nos espaços de poder, a partir da experiência de inúmeras advogadas.

2.3 Educação

Márcia Regina Becker (2015) traz em seu artigo *A sororidade como experiência produzida na pesquisa participante* algumas reflexões a partir de uma interlocução entre o conceito de sororidade e as suas experiências de vida e formação. O objetivo, segundo a autora, foi construir subsídios para repensar a postura ética e política, além dos caminhos metodológicos em pesquisas científico-acadêmicas realizadas com/entre mulheres. A justificativa do estudo, segundo ela, é lutar para desconstruir o patriarcado e colocar a sororidade no centro do debate como uma postura ética e estética nas relações que as mulheres estabelecem entre si e com as reflexões para desenhar novos horizontes nas relações entre elas, principalmente no meio acadêmico. Segundo a autora, o trabalho busca refletir sobre experiências acumuladas por ela quanto pesquisadoras, professora,icineira e especialista nas áreas da sociologia e pedagogia, para pensar formas e espaços possíveis de transformação das relações excludentes que se estabelecem entre as mulheres em função da cultura patriarcal.

Se nas redes sociais e na publicidade a sororidade já é um discurso presente, para profissionais da educação essa realidade ainda é distante. No estudo *Feminismo além das mídias sociais: um estudo exploratório sobre sororidade e feminismo entre professoras dos anos iniciais do ensino fundamental*, realizado por Fernanda Macedo em 2017, são retratadas experiências entre professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a sororidade e feminismo e a influência das mídias sociais na investigação desses dois temas. Foram utilizadas entrevistas com as profissionais da área da educação para o estudo e levantada a necessidade de um debate sobre feminismo, gênero e sexualidade nas formações continuadas e na graduação, além

da importância de fomentar o discurso e prática da sororidade tanto no cotidiano escolar como vida das mulheres.

Na dissertação escrita por Pollyana Tereza Tavares Bezerra, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, publicada em 2018 com o tema *Sororidade nas redes sociais: elas de mãos dadas numa ciranda contra a violência sobre as mulheres?*, a autora teve como objetivo identificar como ocorre e se ocorre no ciberativismo as ações de sororidade entre mulheres, através de uma análise das páginas da rede social *Facebook* que tem o debate da temática de gênero como proposta. Ela ainda buscou investigar o impacto desse conteúdo na vida das mulheres, principalmente daquelas que sofreram ou sofrem algum tipo de violência. A autora concluiu em sua pesquisa que o ambiente virtual do *Facebook* propicia relações democráticas de escuta e dá voz a todas as pessoas que pretendam participar deste espaço. Ainda segundo a autora, as redes sociais estudadas podem ser caracterizadas como instrumento de promoção de sororidade, pois propiciam uma interação solidária e de união, na luta contra a violência sobre as mulheres.

No estudo realizado por Lorena Gabriela Santos Martins (2019), com o tema *Sororidade na educação: uma experiência com oficina de empoderamento feminino*, foi abordado pela autora quais seriam as raízes do movimento feminista e também do surgimento do termo sororidade. Ela define a sororidade, em seu estudo, como a união feminina baseada na empatia, cujo objetivo é combater a opressão da sociedade patriarcal. A pesquisa teve como objetivo compreender essa união a partir de uma oficina de empoderamento feminino realizada com alunas do nono ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Segundo a autora, na oficina analisada por ela, ocorreram diversos debates sobre temas relacionados ao feminismo, entre eles a sororidade e o mito da rivalidade feminina. Ela concluiu que a atividade pesquisada foi importante para as participantes reconhecerem que, muitas vezes, elas reproduzem comportamentos de inimizade e também se veem em competições com colegas, e isso acontece porque a rivalidade feminina é uma das características da sociedade patriarcal e, assim como o machismo, tem raízes profundas. Ela afirma que inserir a sororidade na educação das jovens foi importante na tentativa de mostrar a força da união entre as mulheres, além de estimular que as alunas cresçam desconstruindo o mito da inimizade e da competição.

2.4 Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidade

O artigo *Sororidade em Marcela Lagarde y de Los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas*, das autoras Márcia Regina Becker e Carla Melissa Barbosa (2016) aborda o pensamento de uma das principais estudiosas da sororidade, a mexicana Marcela Lagarde, sobre como o discurso da inimizade feminina foi construído ao longo da história e apresenta a sororidade como uma cultura alternativa para as mulheres nos espaços públicos e privados. O trabalho das autoras ressalta que a aliança entre as mulheres é um compromisso tão importante como a luta contra outros fenômenos de opressão e que a sororidade é uma das propostas mais radicais da nova cultura feminista, pois supera a relação que mantém um laço desigual entre homens e mulheres, rompe a solidão feminina e encaminha uma até as outras, e todas à coletividade.

No artigo *Comunicadoras Indígenas e Afrodescendentes Latino-Americanas: Sororidade e Identidades*, escrito por Lizia de Oliveira Carvalho e Nidia Rosmery Bustillos Rodriguez, no ano de 2019, a sororidade é apresentada como uma aliança entre mulheres que permite enfrentar uma inimizade que foi construída e culturalmente propagada pelo patriarcado. Segundo o citado artigo, essa aliança pode romper distâncias físicas a partir do avanço da internet. Para as autoras, as redes sociais aparecem como lugares importantes para a construção de um espaço de mobilização social e política, aproximando pessoas que estão em diferentes locais, respeitando a interseccionalidade de gênero, raça, classe, e compartilhamento de vivências, saberes e de prática da sororidade.

No ano de 2020, Claudia Andrea Bacci traz em seu artigo *Agora que estamos juntas: memórias, políticas e emoções feministas* uma abordagem das noções de irmandade pensadas pelo feminismo radical dos EUA nos anos de 1960 e a reformulação mais recente dele no Brasil, com o nome sororidade. Após esse percurso, a autora volta a reflexão dela para os feminismos na América Latina e como os protestos contra os feminicídios e violência doméstica ganharam repercussão principalmente na *internet* através da *hashtags* #niunasmenos e da performance musical “um violador em seu caminho” que nasceram no Chile e na Argentina, ganhando dimensão mundial.

Dando sequência, no ano de 2021, encontramos em nossas pesquisas o artigo *Sororidade sem Barreiras: Limites e Conexões no Enfrentamento à Violência de Gênero na Fronteira BR–PY*, de Maria Aparecida Webber. Ela busca contribuir na temática dos direitos humanos em seu recorte de gênero e políticas de enfrentamento às violências, sobretudo contra as mulheres, na região fronteira entre Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai). Para tanto, a revisão da literatura articula textos e autorias que problematizam o tema de fronteiras e violência de gênero. Também foi apresentado no trabalho um levantamento de informações acerca da rede de acolhimento locais BR-PY, que presta atendimento às mulheres que estejam/tenham vivenciado situações de violência doméstica. Além disso, foram apresentados os equipamentos e coletivos de mulheres atuantes na rede de enfrentamento à violência na região, ampliando a percepção sobre os limites do Estado e a ausência de barreiras para a sororidade.

2.5 Ciências Sociais e Antropologia

Na área de Ciências Sociais e Antropologia encontramos, no ano de 2018, o trabalho *Práticas de Sororidade em Redes Sociais da Atualidade: uma proposição de etnografia digital*. O trabalho é resultado de uma pesquisa de pós-doutorado de Milene Migliano. Em investigações sobre a potência narrativa na criação de outros imaginários políticos entre os movimentos de contestação urbana e as redes sociais digitais, a autora percebeu a conformação e manutenção de diversas outras redes de consumos e práticas imaginárias nas plataformas de sociabilidade *on-line*. Entre elas, as redes que se articulam em torno das narrativas das práticas de sororidade atualizadas na contemporaneidade, na vida urbana e outros espaços de produção simbólica, como a agricultura urbana, a astrologia, a auto-ginecologia, entre outras, nas quais relações entre mulheres são vivenciadas na virtualidade das redes sociais. A autora afirma que compreende como práticas de sororidade os modos de operar que acionam irmandades possíveis entre mulheres para além da concepção binária de gênero, superando a contenção do imaginário político que oprime as mulheres como o patriarcado, o racismo, as relações coronelistas e as opressões coloniais, bem como as relações trabalhistas do capitalismo avançado. A autora destaca ainda que as redes sociais digitais tem sido um dos dispositivos que vem contribuindo para as transformações nos modos de compartilhar experiências diversas das que

comumente as mulheres têm lugar de fala privilegiado na esfera pública comunicativa. Nesse sentido, as práticas de sororidade, relacionadas pela autora, em diversos grupos secretos no *Facebook*, mas também em perfis públicos que agenciam consumos, buscam superar a competitividade entre mulheres, redescobrir as sabedorias ancestrais das ervas e afetar as mulheres em redes que potencializam os sentimentos de autonomia, liberdade e ampliação de possibilidades. Ela ainda afirma que enquanto nas redes sociais o termo sororidade é muito usado, no espaço de produção de conhecimento acadêmico, a sororidade ainda é pouco discutida.

Já em 2020, encontramos o artigo *Subversão, sororidade e feminismo pela prática: o caso das funkeiras brasileiras* de Camille Giraut. A autora analisa a subjetivação das mulheres ativas no palco do funk carioca tanto em relação aos seus potenciais efeitos subversivos, quanto à sua relação com o feminismo, focando especialmente nas práticas discursivas através das quais as funkeiras procedem a uma autoerotização. Ela informa que termos difamatórios como “piranha” são analisados como uma estratégia de representação política de todas as mulheres que se recusam a se submeter a uma ética de respeitabilidade. A autora diz ainda que o limite da subversão dos papéis de gênero através do *funk* carioca é examinado, tanto levando em conta as demandas do mercado musical pela hipersexualização das mulheres, quanto questionando até que ponto a resignificação das identidades estigmatizantes através da reiteração é limitada pelo fato de que esses termos têm uma historicidade específica relacionada a um quadro de dominação. Camille ressalta também que algumas funkeiras tendem a se distanciar do rótulo de feministas para não serem associadas a uma perspectiva de classe média e branca e a respeitabilidade. O trabalho conclui que se deve reconsiderar tanto o potencial de um feminismo pela prática, quanto a necessidade de aplicar uma ética feminista de responsabilidade para integrar as reivindicações das funkeiras e ampliar o horizonte do projeto político coletivo feminista”.

No trabalho *Nós por nós: solidariedade feminina nas interfaces entre sororidade e dororidade - práticas e discursos em grupos de mulheres numa rede social digital* de Milane do Nascimento Costa, publicado em 2021, o objetivo principal foi discutir práticas e discursos de solidariedade feminina experienciadas por mulheres em grupos na *internet* por meio da rede social *Facebook*. A autora descreve esses grupos como canais de discussão sobre temas variados que funcionam, sobretudo, como ferramenta de resistência, empoderamento e rede de apoio entre

mulheres que conformam novas maneiras de ativismo feminista. A pesquisa foi realizada a partir de recorte temporal entre os anos de 2017 e 2020 e analisou dois grupos de mulheres originados de duas diferentes cidades – Maceió - AL e Campina Grande - PB. Foram problematizadas questões relacionadas ao ciberespaço, cibercultura e ciberativismo e ainda sobre realização de pesquisas na *internet*. Ela observou que as novas ferramentas de comunicação possibilitaram o aumento de diferentes formas de interação e de redes de solidariedade. O estudo mostrou ainda que as mulheres que integram os grupos das redes sociais, a partir do termo sororidade são brancas, de classe média, com conflitos e desafios que são marcas de tais segmentos sociais. Ela conclui que espaços como os das mídias digitais são importantes para o debate e a superação de obstáculos e preconceitos que ainda dificultam a vida de muitas mulheres.

2.6 Comunicação e Jornalismo

Vemos na televisão, no cinema e em outras mídias de entretenimento como as relações entre as mulheres são permeadas por conflitos, até mesmo o universo infantil, como nos filmes de princesas de Walt Disney Studio. Ivana Carolina Santos da Silva (2016) em *Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney* mostra essa rivalidade feminina e ressalta a importância de analisar a proposta a partir da análise de discurso, por considerar esse método capaz de trazer maiores evidências sobre essa relação feminina e como as mulheres lidam umas com as outras à luz do conceito de sororidade, que prega um pacto de irmandade feminina contra a dominação masculina.

No trabalho *Ética da sororidade: sentimentos morais, gênero e mídia*, publicado em 2018, a autora Tatiane Leal apresenta a sororidade como uma palavra que surgiu para expressar um sentimento que pode (ou deve) ser experimentado por todas as mulheres, para que o projeto político da igualdade de gêneros se concretize. Ela afirma que há um nexo entre sentimentos, moralidade, política e mídia em torno do conceito de sororidade e que a *internet* aparece tanto como uma arena em que esses discursos são produzidos e veiculados quanto como uma ferramenta com potência de apropriação pelas mulheres. O estudo da autora se apoia em um arcabouço teórico e metodológico advindo, principalmente, da Filosofia, da Teoria Feminista e da Comunicação. O resultado da pesquisa mostrou, segundo a autora, que a sororidade

possui múltiplos significados, apropriações práticas e sua definição diverge sobre as origens do sentimento, ora considerando-o como parte de uma essência ou manifestação do inconsciente feminino, ora defendendo que ele seja resultado de uma postura ético-política desenvolvida a partir da sociabilidade entre mulheres em um mundo patriarcal. Tatiane afirma ainda que explorar que tipos de iniciativas são classificadas como práticas de sororidade, que produtos midiáticos são considerados como suas representações e mostra esse sentimento em relação a empatia e sororidade é mobilizado nas campanhas publicitárias.

O estudo de Claudia Maria de Barros Fernandes Domingues, publicado em 2019, com o tema *Mulheres em Movimento: histórias contadas e vividas sobre sororidade, lutas e afetos* teve como objetivo demonstrar que, apesar de todos os obstáculos impostos às mulheres no decorrer da história da humanidade e todas as estratégias de apagamento de sua atuação enquanto sujeitos e cidadãs, as mulheres sempre lutaram por sua dignidade e igualdade de direitos e ainda tem muito a conquistarem. A autora afirma que o gênero feminino ainda sofre com a discriminação, com a violência, com o feminicídio e outras formas de opressão social e política. O trabalho apresenta uma atualização das manifestações, lutas e resistências das mulheres durante o longo da história até a chegada da época moderna. Além disso, fez pesquisa de campo através da observação direta das atividades realizadas na Associação Meninas e Mulheres do Morro na comunidade da Mangueira no Rio de Janeiro.

Uma outra produção científica da autora Tatiane Leal, publicada em 2019, teve como tema *A invenção da sororidade*. Nele, a autora investiga o conceito de sororidade em discursos feministas contemporâneos, e como ele tem se popularizado na mídia em geral, mas especialmente na *internet*, espaço que ela considera essencial para a expansão do feminismo. A partir da hipótese de que a sororidade fundamenta uma ética feminista contemporânea, o trabalho faz uma investigação genealógica sobre a emergência desse sentimento, com base em um arcabouço teórico e metodológico advindo, principalmente, da Comunicação, da Filosofia e da Teoria Feminista. O objetivo foi analisar os discursos midiáticos que têm a sororidade como temática, fazendo uma reflexão associada aos sentimentos e moralidade. Ela reuniu os 100 *links* mais compartilhados sobre a sororidade em sites de redes sociais entre 2016 e 2018. A conclusão do trabalho foi que a sororidade se abre como uma

experiência sentimental que carrega uma potência de reconfiguração das relações entre mulheres e tal sentimento pode promover bases para uma ética feminista que impulse ações coletivas sem apagar as diferenças entre as mulheres e sua identidade como indivíduos. Percebemos que este trabalho possui uma abordagem semelhante ao que a autora publicou em 2018.

Em outro trabalho de Tatiane Leal, intitulado *O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais*, publicado em 2020, a palavra sororidade é apresentada como uma espécie de sentimento de irmandade entre mulheres. A autora informa que a referida palavra ainda não havia chegado aos dicionários, mas já motivava uma série de textos ativistas, jornalísticos e publicitários dispersos na *internet*. A autora faz uma análise através do discurso foucaultiano das definições de sororidade presentes nos *links* mais compartilhados sobre o tema em sites de redes sociais. No trabalho, dois eixos são explorados: a associação do conceito ao campo semântico dos sentimentos e as diferentes origens atribuídas à sororidade pois muitas vezes são vistas como parte de uma essência feminina ou um posicionamento ético-política das mulheres. Percebemos que este trabalho também possui uma abordagem semelhante aos já publicados anteriormente em 2018 e 2019.

2.7 Linguística, Letras, Literatura e Artes

Se hoje a *internet* pode ser vista como uma aliada na prática da sororidade, há doze anos Suely Gomes Costa (2009) trouxe o estudo *Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos* (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX) Neste trabalho, a autora apresenta a história do feminismo e da sororidade nas cidades de Paris e Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 e 1980, antes desse termo ter sido incorporado no debate feminista contemporâneo. Ela diz que houve uma descontinuação em relação ao uso do termo sororidade desde os anos relatados no estudo (1970/1980) até a atualidade porque os debates promovidos pelo movimento feminista sofreram modificações e algumas pautas não tiveram continuidade.

Em 2019, Luiz Manoel da Silva Oliveira e Shirley de Souza Gomes Carreira escreveram o trabalho intitulado *Migrações, especularidade e sororidade: as trajetórias identitárias empoderantes das protagonistas de A Hora da História, de Thrity Umrigar*. Trata-se de uma análise de como a sororidade aparece no livro *A Hora*

da *História*, romance publicado em 2014 pela jornalista, crítica, professora universitária e romancista de origem indiano-americana, Thrity Umrigar. O romance demonstra, segundo os/as autores, como os elementos que fortalecem essa irmandade influenciam a vida e a trajetória das protagonistas Lakshmi e Maggie e como elas enxergam a exclusão, o preconceito, a subalternização e opressão impostas pelos mecanismos da sociedade patriarcal oriental e ocidental.

Em *A luta por sororidade: união feminina e uma experiência militante na palhaçaria*, Tayná Campos Wolff (2020) faz uma análise de como o patriarcado estimula a competição entre as mulheres e como a sororidade aparece como um esforço feminista para combater essa competitividade e aprofundar a união entre as mulheres, através da arte produzida pelo grupo de Palhaçaria Feminina do Distrito Federal Cabaré das Rachas, grupo composto por 3 mulheres que atua coletivamente desde 2008.

No trabalho de Adrielly Melo Borges, publicado em 2020, é apresentada a trajetória da jornalista Consuelo Nasser, que também foi advogada e feminista brasileira, fundadora do Centro de Valorização da Mulher (Cevam), em Goiás, na década de 1980. Com o título *Sororidade com saber goiano: o feminismo pioneiro de Consuelo Nasser*, a autora traz o feminismo pioneiro de Consuelo, assim como também exemplos da sororidade praticada por ela, no estado de Goiás. Para a autora, as histórias de Consuelo não são prestigiadas pelo coletivo e nem por grande parte das feministas, devido as estruturas de poder patriarcais serem muito fortes e antigas.

2.8 Teologia

Na área da Teologia, dois trabalhos foram encontrados em nossa pesquisa. No primeiro deles, *Sororidade: uma discussão conceitual, narrativas bíblicas e a experiência dos encontros de ministras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*, publicado em 2018, a autora Cristina Scherer aborda o significado da sororidade e a importância dela para transformar as relações entre as mulheres em uma sociedade patriarcal. A autora ainda relata a experiência de uma discussão conceitual sobre sororidade no campo dos estudos feministas e da teologia feminista. Nesse trabalho, ela faz o resgate das narrativas bíblicas que expressam a vivência da sororidade.

No segundo trabalho escrito por Cristina Scherer, também publicado no ano de 2018, intitulado *Encontros Nacionais de Ministras da IECLB como Espaços Vitais de Sororidade*, a autora aborda a sororidade a partir dos encontros nacionais de Ministras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que reúnem pastoras, diáconas, catequistas, missionárias, diaconisas e destaca esses encontros como espaços formadores de sororidade que fortalecem e empoderam mulheres.

Vimos que o debate da sororidade perpassa em diversas áreas do conhecimento e não fica concentrada apenas em uma delas. Notamos ainda que foram encontrados 3 trabalhos sobre sororidade da mesma autora, Tatiane Leal, nos anos de 2018, 2019 e 2020, todos na área de Comunicação e Jornalismo. Outra autora que despontou com mais de uma obra foi Cristina Scherer, com dois trabalhos na área de teologia, nos anos de 2018.

3. A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO VAMOS JUNTAS E A ATUAÇÃO DAS ADMINISTRADORAS/MEDIADORAS

Nesta parte do nosso trabalho vamos buscar entender como se constituiu o grupo Vamos Juntas e compreender como se processa a dinâmica de trabalho das administradoras que são responsáveis pelo funcionamento do mesmo.

Um trabalho essencial para a existência desse grupo de *Facebook* é a de administradora/mediadora. Todas as mensagens que chegam ao grupo, são vistas inicialmente somente pelas administradoras. Após as administradoras analisarem o conteúdo dessas mensagens, elas decidem se aceitam ou não postar no grupo para as demais integrantes verem. Essa decisão pode ser tomada por apenas uma das administradoras que pode aceitar com um clique, essa postagem que chegou, ou pode haver consulta com as demais administradoras para decidirem em conjunto se aceitam ou não a mensagem e assim divulgarem para que as demais mulheres do grupo tomarem conhecimento. Durante a pesquisa oito mulheres desempenhavam essa função.

Entramos em contato com cada uma das administradoras para conhecer como funciona esse trabalho e entender a percepção que elas têm sobre o grupo e sobre a proposta da sororidade neste espaço.

Enviamos inicialmente um roteiro de perguntas através do *WhatsApp* para as administradoras. Após o conhecimento das questões a serem respondidas, 2 das

administradoras se dispuseram a responder as perguntas através da gravação de áudios enviados pelo *WhatsApp* e 3 delas responderam por escrito e nos enviaram também pelo *WhatsApp*. As entrevistas que foram respondidas através de áudio, foram transcritas. Das 8 administradoras, 5 responderam às nossas perguntas. Vamos nos referir elas usando os números correspondentes a ordem na qual as entrevistas foram respondidas, ou seja, 1, 2, 3, 4 e 5.

Também entramos em contato com a fundadora do Vamos Juntas de Campina Grande para conhecer como se deu o processo de constituição do grupo. Porém, após o nosso contato, ela decidiu não participar da pesquisa alegando questões de saúde mental que, de acordo com ela, possuem total relação com o seu vínculo ao Vamos Juntas. Ela nos enviou o seguinte posicionamento.

Minha saída do Vamos Juntas foi bem conturbada, infelizmente com ameaça de processo pra mim. O motivo foi uma tentativa de silenciar o grupo através de ameaças a mim, para que eu restringisse a liberdade de expressão das integrantes em relação a exposição de homens. Em consequência disso, fui diagnosticada com transtorno borderline, e tudo sobre o grupo virou um gatilho desde este episódio. Te juro que, se neste momento na minha vida eu estivesse em um lugar mental mais tranquilo, ficaria mais que feliz em responder! (FUNDADORA).

Em função dessa recusa, contatamos outra vez as administradoras para conceder uma nova entrevista versando sobre o processo de constituição do grupo Vamos Juntas. Das 5 administradoras que responderam inicialmente, 3 participaram desse segundo momento da coleta de dados.

Quatro das ministradoras que foram entrevistadas tem idades entre 24 e 31 anos e apenas uma delas tem 44 anos. Todas possuem nível superior e uma delas possui pós-graduação.

Todas as administradoras já tinham alguma ligação com o Vamos Juntas ou com alguma integrante do grupo antes de assumirem a atividade de mediação. “Uma colega me adicionou e falou que eu precisava ver sobre sororidade aqui em Campina Grande” (ADMINISTRADORA 2).

Percebe-se que o grupo já estava sendo difundido entre as mulheres em Campina Grande e essa proposta de um espaço para divulgar e praticar a sororidade passava a ficar conhecido entre as elas. Algumas dessas mulheres eram convidadas já de início para serem administradoras do grupo, enquanto outras entravam como integrantes e devido ao grande engajamento com as demandas, chamavam atenção

das administradoras que já atuavam e eram convidadas para desempenhar a mediação: “Como eu era muito ativa, respondia muito e conhecia meninas que eram administradoras elas me indicaram para ser administradora também” (ADMINISTRADORA 5).

Três das administradoras começaram a desempenhar a atividade entre os anos de 2017 e 2018. As outras duas não recordam exatamente a data, mas dizem já fazer bastante tempo.

A administradora 5 também diz não lembrar exatamente quando assumiu a mediação, mas ressalta que no período existia uma movimentação intensa de postagens no grupo: “O grupo estava em alta mesmo e tinham muitas solicitações de postagens por dia”.

A resposta acima transmite uma ideia de que parece ter diminuído o número de postagens que chegam ao grupo desde o tempo em que a administradora recebeu o convite para fazer a mediação até a data em que foi concedida essa entrevista, em 2022.

Além de serem administradoras do Vamos Juntas, duas das mediadoras participam ou já participaram de coletivos e comunidades que reúne mulheres. Esse é um ponto importante, pois evidencia um ativismo feminista presente nelas para além do grupo, onde elas buscam atuar na defesa das diversas pautas levantadas pelo movimento das mulheres. A administradora 1 participa de um clube de leitura voltado para obra de mulheres, com encontro regulares. A administradora 3 já foi integrante do coletivo feminista Bruta Flor. A administradora 4 participou do movimento Mulheres no Cárcere, que foi criado no próprio grupo Vamos Juntas, com o objetivo de doar absorventes e itens de higiene pessoal a detentas do presídio feminino de Campina Grande. Essa é outra parte importante para destacarmos. O próprio grupo Vamos Juntas, criado para reunir mulheres para praticar a sororidade, rompeu sua proposta para além do espaço virtual e se propôs a realizar atividades para ajudar outras mulheres que estavam em situação de cárcere. Ou seja, a proposta de ajudar mulheres foi ampliada além da *internet* e chegou a outras mulheres que necessitavam de ajuda. A administradora 5 diz participar de várias comunidades de mulheres, além do Vamos Juntas:

Eu sou de computação, uma área onde a maioria é masculina, então eu sou cofundadora de duas comunidades: “elas computação da UFCG” e *PyLadies*

Paraíba que é uma comunidade local, de uma comunidade global e fora isso eu estou em N grupos de mulheres.

Nenhuma das administradoras entrevistadas sofreram algum tipo de perseguição ou ameaça, mas ficaram cientes da tentativa de silenciamento sofrida pela fundadora e do adoecimento dela devido a esse episódio e, conseqüentemente, o afastamento das funções de mediação e integrante do grupo. A partir do afastamento da fundadora do grupo, o Vamos Juntas continuou sob a responsabilidade das outras administradoras.

A tentativa de silenciamento relatada pela fundadora do grupo e os problemas psicológicos que ela enfrentou por causa desse episódio é de conhecimento de todas as administradoras que foram entrevistadas. As ameaças à fundadora começaram quando ela, que também desempenhava a função de administradora, recebeu no grupo uma postagem feita por uma integrante, denunciando que um homem de Campina Grande estava filmando escondido as relações sexuais que ele tinha com as mulheres com quem se relacionava. Após visualizar a denúncia previamente e analisá-la, a fundadora decidiu aceitar a denúncia e postar no grupo para as demais integrantes verem e interagirem.

No caso do *sexting*⁶, a mediadora que permitiu a denúncia, foi incansavelmente perseguida pelo acusado e ameaçada de processo e pagamento de danos morais. O que não chegou a acontecer, mas afetou a mediadora que passou a ter crises de ansiedade e pânico (ADMINISTRADORA 1).

A administradora 2 diz que ela e as demais buscaram ajudar a fundadora durante esse processo tanto assumindo as mediações do Vamos Juntas como ouvindo, apoiando, aconselhando e se colocando à disposição:

Ela postou quem poderia se disponibilizar para ajudar no grupo, pois por esses problemas ela estaria se desligando de tamanha responsabilidade. Então, através de um post do próprio grupo, fomos informadas que poderíamos ajudar e nasceu o nosso grupo do *WhatsApp*.

A proposta de se criar um grupo de *WhatsApp* entre as administradoras surgiu da necessidade de haver um outro canal de comunicação entre elas, além do

⁶ *Sexting* – Quando vídeos e imagens com conteúdo sexual vazam na *internet* ou via celulares sem o consentimento de todos os envolvidos (SILVEIRA, 2019).

Facebook, para dialogarem e deliberarem acerca da pertinência do conteúdo das mensagens recebidas sobre violência contra as mulheres. Cabe destacar que estas mensagens deixaram de ser postadas no *Facebook* do Vamos Juntas após a perseguição e a tentativa de silenciamento sofridas pela fundadora do grupo.

Através do espaço de comunicação via *WhatsApp*, as administradoras conversam de forma privada, ou seja, somente entre elas, e se articulam para ajudar as mulheres que relataram no grupo terem sofrido algum tipo de violência. As administradoras discutem, por exemplo, meios de incentivar as vítimas a denunciarem os crimes que sofreram, orientar sobre como as vítimas podem fazer a denúncia ou onde procurar atendimento médico, quando necessário. “Nosso meio de diálogo (administradoras) é o *WhatsApp*. Conversamos inicialmente e decidimos quem vai falar com a vítima e como podemos orientá-la” (ADMINISTRADORA 2).

Depois do episódio no qual a fundadora do grupo Vamos Juntas foi vítima de uma tentativa de silenciamento devido ao conteúdo de postagens de denúncias ter sido exposto para homens e outras pessoas de fora do grupo, as administradoras optaram por não aceitar denúncias de violência sexual, quando a vítima expõe os nomes e imagens dos abusadores.

Deixamos de aceitar esse tipo de postagem porque a maioria delas tinha exposição de imagens ou nomes dos agressores. Como o grupo é muito grande e com muitas mulheres, algumas delas estavam fazendo prints e mandado para os agressores. Para evitar que as moderadoras sofressem algum tipo de processo ou ameaças oriundas desses agressores (como ocorreu), não aceitamos mais (ADMINISTRADORA 4).

Como já ressaltamos, quando chegam essas denúncias e as mediadoras não as expõem no grupo de *Facebook*, elas ainda se articulam para amparar as vítimas estimulando a denúncia, orientando e quando necessário pedindo ajuda a outras integrantes do grupo para tentar contribuir na resolução do problema.

O período junino comemorado em Campina Grande foi o ponto inicial para que o grupo pudesse existir. Segundo as administradoras, além do grupo buscar a união das mulheres na cidade para que elas pudessem se apoiar em uma sociedade machista, o espaço virtual tinha a intenção de juntá-las para que elas pudessem dividir

caronas na ida e na volta ao Parque do Povo⁷ e fazerem companhia umas às outras durante os festejos juninos, se protegendo de assédios.

O grupo surgiu através de um pedido de caronas. A fundadora queria ir para o Parque do Povo com mulheres, era uma espécie de corrente de segurança. Eram organizados por bairros. Tipo: Dia 25 vou ao parque do povo. Meninas do Catolé, Vamos Juntas? E a partir disso foi-se observando a importância dessa rede de proteção. Elas iam juntas pra academia, elas iam juntas viajar, elas começaram a pedir indicações de profissionais mulheres, elas postavam desabafos, etc. (ADMINISTRADORA 3).

A dinâmica de funcionamento de um grupo de *Facebook* ocorre da seguinte forma: a pessoa fundadora cria o grupo e as mulheres que usam o *Facebook* podem pedir para participar desse espaço virtual. No caso do Vamos Juntas, a fundadora decidia se aceitava ou não a entrada dessa pessoa no grupo clicando no botão “aceitar” ou “recusar”, sempre observando se a política de privacidade deste espaço virtual de não entrar homens, estava sendo cumprida.

Uma outra política de privacidade do Vamos Juntas é de não expor o conteúdo das postagens para quem não é integrante do grupo. No momento em que as mulheres eram aceitas no grupo, elas poderiam convidar outras mulheres para participar. Para uma maior segurança e controle desse espaço virtual, o *Facebook* disponibiliza um recurso que possibilita às/aos administradores/as dos grupos verem quais integrantes estão convidando outras pessoas para participarem e quem são essas pessoas que estão sendo convidadas. As integrantes do grupo fazem as postagens e as mediadoras decidem se aceitam que aquele conteúdo escrito por elas fique visível para todo o grupo, sempre observando se as regras da política de privacidade do grupo e do *Facebook* estão sendo cumpridas.

Segundo as entrevistadas, as postagens aceitas no grupo não devem violar a política de segurança e privacidade do próprio *Facebook*.

Nudez ou outro conteúdo de sexualmente sugestivo, discurso de ódio, ameaças reais ou ataques diretos a um indivíduo ou grupo, conteúdo que possua autoagressão ou excesso de violência, perfis falsos ou impostores, *spam* (*FACEBOOK*).

⁷ Parque do Povo é um espaço de 42 mil m² construído em 14 de maio de 1986, em Campina Grande - PB. É neste local que acontece a festa de São João da cidade, a qual costuma durar 30 dias (NÓBREGA, 2010).

Além das administradoras ficarem atentas para que as regras de privacidade e segurança do *Facebook* e do grupo *Vamos Juntas* fossem cumpridas, elas também informam quais os atributos necessários para exercer a mediação: disponibilidade para mediar as postagens e acompanhar as novas participantes; disponibilidade para ajudar nas demandas que chegam ao grupo; ter sensatez; empatia; sororidade; estar sempre em contato com as outras administradoras; bem como separar os conteúdos que são postados e os que não podem ser postados.

Por exemplo: vendas. Existe um grupo destinado a isso: é o bazar. Com isso, você não polui a página com tanta propaganda. Outra coisa é a história nos perfis para verificar se são *fakes*. Postagens com conteúdo de violência, denúncias, precisam ser avaliadas de forma minuciosa para evitar problemas jurídicos (ADMINISTRADORA 4).

A administradora 3 faz referência a um subgrupo de vendas dentro do *Vamos Juntas* chamado *Bazar das Manas*, onde somente as mulheres que são integrantes do grupo têm acesso a eles. Ela afirma que as mediadoras direcionam parte das postagens de vendas que chegam ao grupo para este subgrupo, para que o conteúdo do grupo principal, fique mais diversificado. Esse subgrupo não foi objeto de análise da nossa pesquisa.

Dentro do *Vamos Juntas* não há uma organização judicial formal, mas essa orientação jurídica vem, às vezes, de uma das administradoras que é advogada e oferece esse serviço de forma voluntária. Quando a demanda que chega ao grupo não é sobre violência sexual, mas requer uma orientação jurídica, a própria administradora ou outras mulheres que são advogadas e integrantes do grupo, oferecem esse suporte.

Nós não temos esse tipo de serviço. Uma das administradoras é advogada e informalmente quando surgem demandas de orientações às vezes ela orienta ou a orientação fica por parte das outras meninas do grupo, pois existem mulheres que são advogadas, psicólogas... e elas dão algum tipo de orientação. Não é um grupo que tem o foco na prestação de serviço, é um grupo que tem a finalidade de unir pessoas com o propósito de todo mundo se ajudar. A gente abre o espaço pra divulgação da demanda e pessoas que estão ali no grupo ajudam a propor algum tipo de solução e tentar ajudar (ADMINISTRADORA 3).

A administradora 3 também, faz um depoimento no qual ela retrata, sucintamente, o direcionamento adotado pelo *Vamos Juntas* desde sua constituição até o momento da pesquisa.

As postagens no início do grupo eram mais voltadas para o engajamento de mulheres como grupo de caronas, viagens, irem juntas à academia, bares e restaurantes. Depois veio a fase das denúncias, depois a fase dos pedidos de ajuda e agora as postagens estão com procura e recomendação de serviços (ADMINISTRADORA 3).

A administradora 4 ressalta que o grupo deveria propor mais atividades, deveria ser mais efetivo diante de algumas questões, mas na correria do dia a dia a função delas se limita somente em moderar as mensagens.

O grupo deveria propor mais atividades, deveria ser mais efetivo diante de algumas questões. Mas na correria do dia a dia a gente fica mais nessa questão de moderar as mensagens. É um grupo de apoio e de incentivo, mas não noto uma organização mais efetiva para ajudar nos casos de violência. É mais para deixar o contato aberto para as mulheres (ADMINISTRADORA 4).

Quando questionadas sobre quais demandas mais as impactaram, as administradoras foram unânimes ao dizerem que são as que envolvem violência física. A mediadora 3 informou que a demanda que mais a impactou foi a de uma mulher ter relatado que teve a casa incendiada pelo ex-companheiro e ter perdido tudo. As integrantes do grupo se mobilizaram e conseguiram arrecadar vários tipos de doações para essa mulher.

Além dos casos de violência contra a mulher, a mediadora 5 referiu-se a uma demanda voltada a segurança alimentar como a que mais a impactou: “Uma senhora que ela pedia comida, pedia roupa e o grupo se movimentava em ajudá-la. Pra mim foi tocante no sentido de “pô, esse é um grupo que não é só jovens, não são só mulheres jovens, sabe?”

Todas as administradoras reconhecem o grupo como um espaço importante no qual as mulheres buscam construir uma aliança entre elas e se unirem. A administradora 1 faz o seguinte depoimento, ressaltando a importância do grupo: “Uma rede de apoio, compartilhar experiências, promover seus trabalhos e das amigas, pedir indicações seguras de profissionais, principalmente da saúde e obstetrícia”.

Quando buscamos entender por que tantas mulheres buscam esse espaço virtual para construir uma aliança entre elas, a administradora 3 diz acreditar que elas se sentem seguras e veem ali um espaço de acolhimento onde podem falar sem se sentirem julgadas.

Acredito que elas se sentem seguras, veem um espaço de acolhimento onde podem falar sem se sentirem julgadas. Isso é muito importante. Quer dizer, as vezes você está com um problema e só precisa desabafar com alguém, tivemos casos assim.

A mediadora 4 expressou que o grupo é um movimento de empatia e sororidade, onde as mulheres querem se ajudar e se proteger: “É um movimento de empatia e sororidade. Queremos nos ajudar e nos proteger. Por ser virtual, agrega mais mulheres e facilita a comunicação entre manas de diferentes contextos”.

A administradora 5 aponta que existe uma conexão entre as participantes para ajudar as mulheres a exercerem a sua voz:

Você sente que mesmo sem conhecer a maior parte daquelas pessoas, existe uma conexão. Eu acho que isso é muito importante, principalmente em espaços onde a mulher ela mora sozinha ou mora com outros caras ou mora em um espaço de opressão o qual ela não tem espaço, ela não tem liberdade, pra exercer sua voz.

A mediadora 2 confirma em seu depoimento que o Vamos Juntas consegue ser um espaço de sororidade entre mulheres: “Considero a importância do Vamos Juntas tremenda! Como mulheres, todos os espaços são perigosos para nós e precisamos buscar confiança/resolução e ajuda entre nós mesmas. E conseguimos fazer”.

Quando questionamos as administradoras se elas acreditam se a proposta do grupo de promover a sororidade entre as participantes vem sendo atendida, elas foram unânimes ao afirmarem que, sim: “Totalmente. Dentro do grupo temos e buscamos oferecer o suporte para as que precisam de nós. Muitas nos procuram no privado, evitando exposição e conseguimos ajudar, então acredito totalmente no sentido do grupo” (ADMINISTRADORA 2).

Quando a administradora 2 fala que muitas integrantes do grupo Vamos Juntas procuram por elas no privado, significa que é uma forma de contato feita dentro do próprio grupo de *Facebook*, porém de uma maneira que as demais participantes não tenham acesso do teor da conversa. É tipo um *e-mail*, enviado através do grupo, o qual somente o destinatário daquela mensagem pode ver o conteúdo.

A administradora 5 também diz que o grupo consegue promover a sororidade e destaca papéis importantes que elas já desempenham em casos mais delicados.

Eu acredito que sim. Essa é uma proposta que continua sendo atendida. O Vamos Juntas tem um papel muito importante principalmente nos casos de estupro, de assédio, onde as mulheres elas se sentiam confortáveis e

abraçadas ali dentro. E isso é sororidade! É você entender né, que não tá sozinha.

A administradora 3 destaca os pequenos passos que elas conseguiram dar, a partir do grupo, para ajudar outras mulheres.

No decorrer do tempo tivemos muitos exemplos de empatia. Desde pequenas caronas, indicações de profissionais mulheres, até ajuda com doações para mulheres mais vulneráveis. São pequenos passos que contribuem para um cenário mais humano com as mulheres.

A história do grupo teve mudanças, dificuldades e consequências para mulheres que tentaram seguir o propósito de unirem, se protegerem e se ajudarem. Algumas dessas consequências foram difíceis, custando a saúde de quem criou este espaço, mas pudemos perceber que apesar de todos esses percalços, o grupo continua ativo.

Algumas mulheres entenderam a proposta da sororidade, e ainda hoje atuam para manter o grupo aberto. Outras colocaram em risco a vida e saúde das demais ao vazarem conteúdos que deveriam ser restritos. Diante de uma sociedade machista, um espaço desses é resistência e algumas mulheres lutam para que ele não acabe.

4. ANÁLISE DAS POSTAGENS DO GRUPOS VAMOS JUNTAS

A intenção deste ponto do nosso trabalho é analisar o conteúdo dos assuntos abordados nas postagens compartilhadas no grupo Vamos Juntas, assim como identificar os temas mais recorrentes dos *posts* e os conteúdos que tiveram maior número de curtidas e comentários, a chamada interação entre as usuárias do grupo.

Conforme já exposto na introdução, as análises foram desenvolvidas a partir das seguintes categorias: 1) os principais assuntos abordados nas mensagens e a recorrência dos temas postados e 2) se as postagens geraram interatividade a partir do número de curtidas e o número de comentários.

No que se refere ao conceito de interação assumido nesse trabalho, tomamos como referência o dicionário *on-line Michellis* (2022), da língua portuguesa, e o trabalho de Recuero de 2008. Segundo o dicionário *Michellis*, interação é o contato entre indivíduos que convivem ou uma ação recíproca entre o usuário e um equipamento. No *Facebook*, essa interação é caracterizada por curtida e comentário. Curtida é quando o usuário clica em um botão com o nome “curtir”, localizado logo

abaixo do que foi escrito com o objetivo de demonstrar naquele ambiente virtual que ele/ela gostou daquele conteúdo. Já o comentário no *Facebook* é um espaço que aparece também logo abaixo da postagem, que permite aos integrantes do grupo escreverem algo sobre aquele conteúdo que foi postado. Neste espaço elas/eles têm liberdade para opinarem.

Sobre as interações nas redes sociais, RECUERO 2008 APUD GRANOVETTER, 1973 e 1983, afirma que elas são os laços sociais que conectam as pessoas na *internet* e podem ter intensidades diferentes, podendo ser fortes ou fracos.

Os fortes são aqueles que exprimem intimidade que são capazes de suportar trocas frequentes e com maior carga de capital social. Já os laços fracos são aqueles que indicam atores mais distantes socialmente, que contêm menos interações, menor carga de capital social. São os laços que temos com os nossos “conhecidos”. (Recuero, 2008, p. 4)

Recuero (2010) diz, ainda, sobre a interação, que ter muitos comentários pode ser um sinal de visibilidade social e popularidade e que essa interação também pode ser relacionada ao apoio social e ao *feedback*.

As mensagens que analisamos foram coletadas durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2022, no período de pós-pandemia da COVID-19. Esse período se caracterizou pelo fim do estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) decretado no Brasil em maio de 2022, após a pandemia da COVID-19 que vitimou mais de 600 mil pessoas no país e aproximadamente 15 milhões em todo o mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde (BRASIL, 2022). A pandemia da COVID-19 no Brasil teve início em março de 2020, deixando grande parte da população em isolamento social e quarentena, e agravando as questões sociais, econômicas, políticas, culturais, educação e saúde (FIOCRUZ, 2021).

Escolhemos fazer essa análise no período pós-pandemia, por entendermos que a população estava retomando seus hábitos, após ter sua rotina alterada radicalmente e viver em isolamento social por um período de dois anos. Durante o processo de pesquisa, o grupo de *Facebook* Vamos Juntas, de Campina Grande reunia 5 mil e 300 mulheres que compartilham variados tipos de demandas diariamente.

Fizemos *prints* (fotos da tela do computador) de todas as postagens do grupo Vamos Juntas durante os meses escolhidos, organizando-as nos meses em que

foram postadas. O estabelecimento dos temas se deu a partir da frequência com que eles apareceram nas postagens. Dessa forma, encontramos os seguintes temas mais recorrentes: 1) vendas; 2) assuntos relacionados aos animais; 3) busca por indicações de profissionais, serviços e estabelecimentos; 4) dividir moradia; 5) oferecimento de serviços; 6) busca por transporte ou carona; 7) orientação jurídica; 8) discussão política partidária; 9) outros.

Os temas “busca por transporte ou carona”, “orientação jurídica”, “discussão política partidária” e “outros”, mesmo não sendo os que apresentaram maior número de postagens, achamos de extrema importância analisá-las por considerarmos que seus conteúdos podem ser bastante relevantes para o nosso trabalho, ajudando a elucidar questões pertinentes aos nossos objetivos.

A intensão em incluir o tema “busca por transporte ou carona” se deu por essa abordagem ter sido um dos motivos da criação do grupo, conforme destacado no capítulo anterior. Ressaltamos que a temática “discussão política partidária” se faz importante por, no mesmo ano da pesquisa, ter sido realizada a eleição que elegeu deputados estaduais e federais, senadores, governadores e presidente da república.

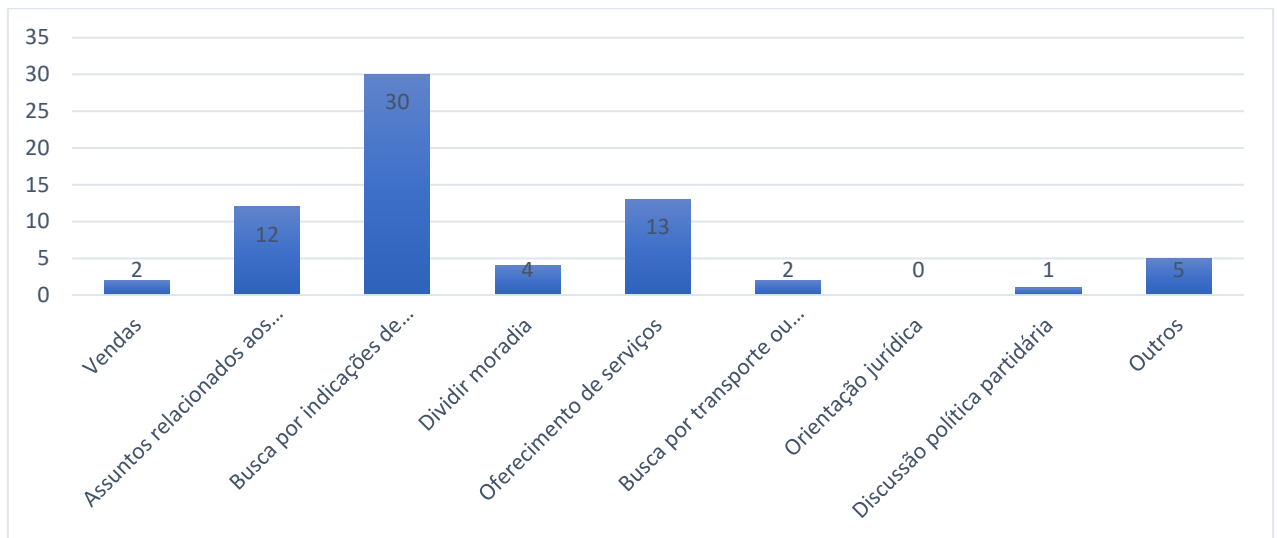
Esclarecemos que “orientação jurídica” é diferente de pedir indicação de profissionais da área jurídica. A orientação jurídica acontece quando uma integrante do grupo expõe uma situação e as integrantes que são da área do direito opinam e tiram as dúvidas sobre a situação exposta.

Decidimos adicionar a temática “outros” por percebermos que existem conteúdos que enriquecem a nossa análise, mas não se encaixavam nas demais categorias por não se repetirem com frequência e não se configurar entre os assuntos mais abordados pelo grupo. Conforme prevê o método de análise de conteúdo, lançamos mão de uma análise quantitativa, visto que estamos lidando com o número de postagens realizadas durante o período de três (03) meses, e análise qualitativa para entendermos e analisarmos o conteúdo dessas mensagens.

4.1 Postagens do Vamos Juntas em agosto de 2022

No mês de agosto de 2022 foram feitas 69 postagens pelas integrantes do grupo Vamos Juntas. Elas foram distribuídas de acordo com as temáticas, mostrados no gráfico a seguir.

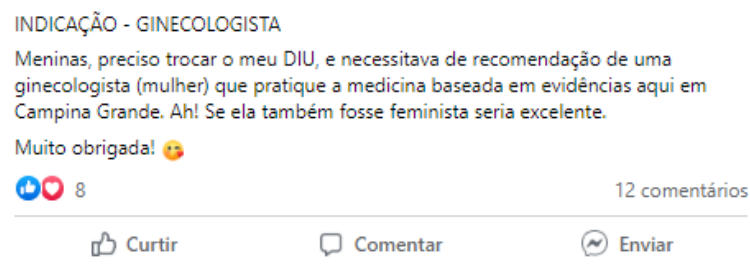
Gráfico 3 – Distribuição das postagens por conteúdo e número de recorrências – Agosto de 2022



Fonte: elaborado pela autora.

O assunto que predominou neste mês foi indicação de profissionais, serviços e estabelecimentos, com 30 postagens. Foram indicados os mais variados tipos de profissionais e serviços como sapateiro, serviços de frete, acompanhamento hospitalar, beleza, hospedagem, etc. As integrantes que buscam por indicação de serviços, geralmente pedem que sejam profissionais de confiança e de preferência, profissionais mulheres.

Figura 1



Fonte: Grupo de Facebook Vamos Juntas.

Além da integrante pedir a indicação de um profissional mulher, ela ainda ressalta a preferência por uma profissional que seja feminista. Essa postagem reflete a presença do feminismo entre as integrantes do grupo e a busca por profissionais que atuem na perspectiva de defesa dos direitos das mulheres.

Após a indicação de profissionais, serviços e estabelecimentos, o conteúdo das postagens que mais apareceu na sequência foi o oferecimento de serviços, com 13

postagens. O serviço de faxina foi o mais ofertado pelas integrantes do grupo, com 9 postagens.

Figura 2



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Destacamos o grande número de postagens que oferecem esse tipo de serviço. Somente no mês de agosto, elas representaram quase 70% dos serviços oferecidos. Isso pode ser um indicador de ausência de emprego formal entre as integrantes ou busca por melhores condições de trabalho.

Em terceiro lugar estão as postagens de assuntos relacionados aos animais, como pedidos para adoção de gatos e cachorros, doação de rações e dinheiro para ajudar no resgate e cuidados médicos desses bichos. Foram 12 postagens com esse objetivo.

Figura 3

PEDIDO DE SOCORRO URGENTE!!!
VAMOS COMEÇAR OUTRA LUTA!

Essa pequena foi resgatada agora há pouco, com a boquinha e a barriga muito feridas e cheias de larvas. Ela já tomou Capstar, mas os ferimentos são profundos e ela precisa de atendimento veterinário.

Precisamos pagar consulta, hemograma, teste fiv/felv, bioquímico.

Qualquer quantia que você puder doar já vai ajudar muito!!!! Por favor, nos ajude a salvar mais uma vida!

Pix nubank



O vídeo está no meu perfil. IMAGENS FORTES!!!!

Pedido postado no meu perfil. Podem compartilhar!!!!

Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Esse tipo de conteúdo demonstra que existe um ativismo da causa animal muito presente no grupo Vamos Juntas. Porém, esse tipo de conteúdo não é considerado

como sororidade. Em nosso arcabouço teórico, demonstrado no capítulo I, não encontramos alguma publicação que tratasse a sororidade associada à solidariedade entre mulheres e animais domésticos.

A sororidade segundo os textos analisados, refere-se a uma relação de empatia entre mulheres. Diante disso, e baseado nos conceitos encontrados em nosso estado da arte, não consideramos essas questões relacionadas aos cuidados com pets uma questão de sororidade, mas de responsabilidade com a causa animal. Conforme Penkala (2014, p. 225),

A sororidade é uma relação pactual de irmandade entre mulheres instituída política e eticamente, como um corpo unido com um propósito em comum, de onde advêm práticas que propõe, preservam e estimulam mútua proteção, solidariedade e a defesa de direitos de classe (da “classe feminina”) a partir de vivências no contexto patriarcal.

Tivemos duas postagens do tema “busca por transporte ou carona”, no mês de agosto.

Figura 4

Oi, oi! Gente, vocês sabem alguém que more pelo lado palmeira/alto branco/Conceição e faça transporte? Seria à noite, de 20:30, por aí, do Catolé - Palmeira, e de preferência em carro, porque talvez mais de uma pessoa possa querer e seria uma rota Catolé - Alto Branco - Palmeira. Por favor, se vocês souberem alguém de confiança, pq em CG não tem mais ônibus nesse horário pra esses locais e tá muito difícil pra quem trabalha 😞



4

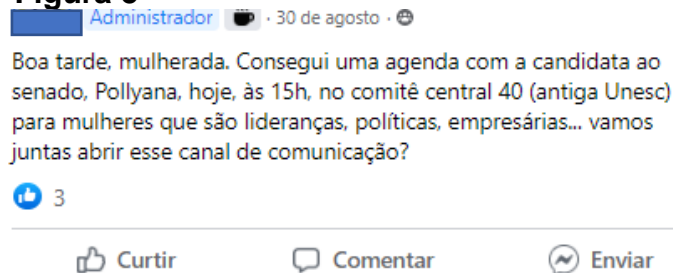
4 comentários

Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Nas duas postagens de busca por transporte ou carona, as integrantes do grupo não informaram claramente se queriam indicação de motoristas homens ou mulheres. Pressupúnhamos que houvesse a busca por condutoras femininas para garantir a segurança delas. Porém, fazemos aqui uma reflexão: segundo o Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet) com dados da Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran), até março de 2021, o Brasil contava com 25,8 milhões de motoristas mulheres, o equivalente a 35% do total de Carteiras Nacionais de Habilitação (CNH) válidas no país (DENIT, 2022). Nos dois aplicativos em transportes mais populares do Brasil, *Uber* e *99*, as mulheres representam apenas 6% dos motoristas parceiros do aplicativo (GAIATO, 2022). Ou seja, as mulheres não podem escolher muito ter uma mulher como motorista, já que ainda é bastante reduzido o número dessas profissionais.

Não tivemos nenhuma postagem no tema orientação jurídica no mês de agosto. Entretanto, a categoria discussão político partidária teve uma postagem neste mês analisado. Ela foi feita por uma das administradoras do grupo no dia 30 de agosto, convocando as mulheres para uma discussão política, visto que em outubro desse mesmo ano seriam realizadas as eleições para presidente, deputados federais, deputados estaduais e senadores.

Figura 5



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

A candidata citada acima, Pollyanna Werton Dutra, é deputada estadual e concorreu ao senado federal pelo Partido Socialista Brasileiro. Ela tem uma posição progressista na política e nas eleições de 2008 concorreu e ganhou a eleição para a prefeitura de Pombal (PB) pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Na temática “outros” encontramos cinco (05) postagens: a primeira delas, publicada no dia 3 de agosto, procura atrizes negras para atuarem em um curta audiovisual, feito por estudantes da UFCG; na segunda, uma integrante procura saber se em Campina Grande existe algum projeto voltado para leitura e se existir, como e de que forma ele funciona. Na terceira postagem, que data de 31 de agosto, a integrante procura uma costureira que seja empreendedora e tenha alguma funcionária para que ela possa fazer uma gravação com elas. As outras duas postagens se referem ao seguinte fato: uma mulher relata, no dia 9 de agosto, que a irmã gêmea dela, que é usuária do CAPS, teve um surto e colocou fogo na casa em que vivia com a filha de 10 anos, perdendo todas os móveis, eletrodomésticos, roupas e brinquedos.

Ela diz que a irmã passou por atendimento médico, mas devido ao acidente estão precisando de doações de vários itens. A mulher relata ainda que a irmã dela tem uma filha de 10 anos.

Vejamos o conteúdo da mensagem:

Figura 6

Meninas no sabado minha irmã gêmeas teve um surto e tocou fogo na casa dela onde acabou tudo ela , ela assim como eu er usuaria do caps , entao ela tava bem mais infelizmente sabado acabou meninas . o importante er ela ta viva ! Foi pra o doutor maia no domingo cedo foi medicada e hoje acordou ,entao venho pedir ajudar roupas bacia o que voçes tiver e nao esteja usando tudo sera bem vindo ate uma calcinha ! Ela tem uma menina de 10 anos foi queimada tudo de roupas se voçes ti... Ver mais

Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Apesar desta postagem se tratar de um tema sensível, ela teve apenas 3 comentários e duas curtidas. O nome do hospital ao qual a integrante do grupo refere-se na Figura 8 não é Doutor Mais, é doutor Maia. Acreditamos que foi um erro de digitação. O hospital Doutor Maia é especializado em urgência e emergência psiquiátrica, atende pacientes pelo Sistema Único de Saúde e particular em Campina Grande.

Após essa postagem, uma outra foi feita no dia 11, dois dias depois da primeira, sobre o mesmo caso. Porém, quem escreveu foi a própria mulher que havia tido o surto e colocado fogo na residência em que vivia com a filha.

Não colocamos o *print* dessa postagem por a mesma conter vários nomes próprios, o que fere as determinações do código de ética em pesquisa. Então resolvemos copiar e editar a postagem removendo os nomes próprios para não identificar as mulheres envolvidas.

Boa noite! Primeiro venho agradecer a (cita o nome de três pessoas) por me ajudar e dizer que estou sendo medicada todos os dias, tou melhor, só minha mente que ainda tá um pouco atordoada sei explica não, perdão, agradeço o grupo por me acolher e gostar da minha irmã. Gratidão. Vim perguntar se alguma de vocês tem coisas para menina de 10 anos, pois ela (filha), assim como eu não temos mais nada. As meninas vão me dar roupas (cita nome de três pessoas). Se vocês tiverem coisas para menina de 10 anos e puder me ajudar eu agradeço. (cita o nome da filha) minha menina tá chorando, a boneca dela queimou. Desculpa eu não queria fazer isso não, eu não queria não, perdão, eu não queria não! E agora eu não tenho nada e me culpo por minha filha chorar, mais eu não queria não, queria não.

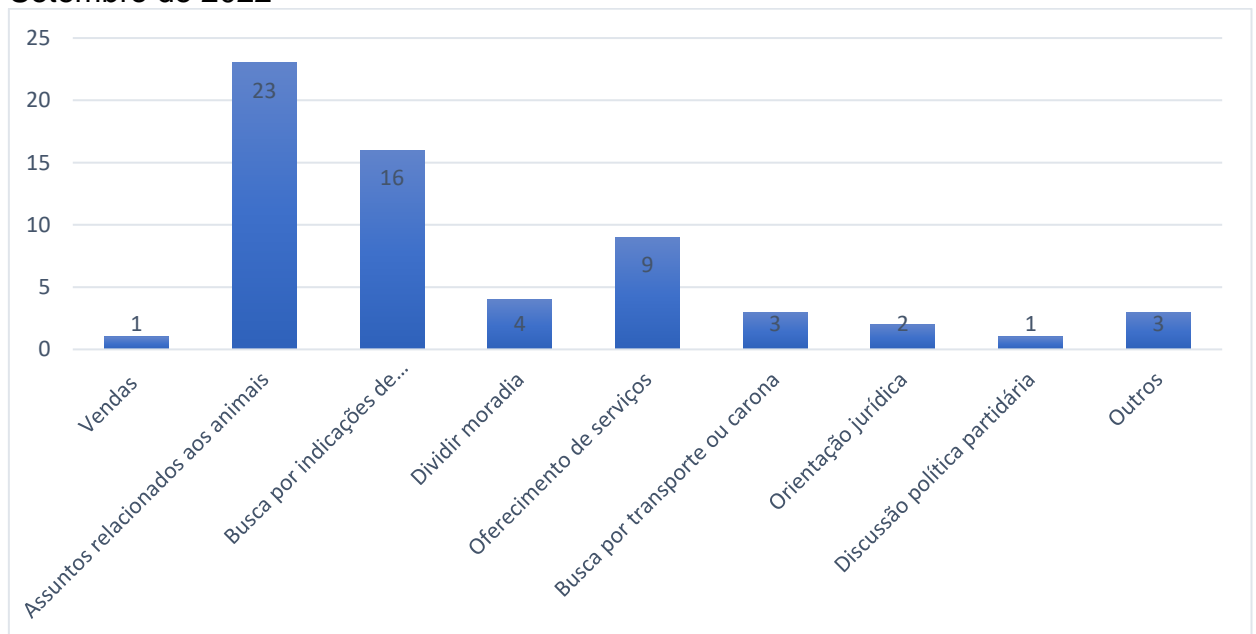
Esta postagem foi a que teve mais interação em agosto, com 16 comentários e 3 curtidas. As integrantes que fizeram essas postagens enxergaram esse espaço como um local que podiam pedir ajuda e serem ouvidas. Elas buscaram ajuda e tiveram resposta de outras participantes, se configurando como uma prática de sororidade entre as mulheres.

A segunda postagem que teve a maior interação neste mês analisado foi a de um pedido de indicação de profissional, já apresentada na figura 3 deste capítulo. Conforme detalhado anteriormente, a integrante do grupo Vamos Juntas buscava a indicação de uma ginecologista mulher que praticasse a medicina baseada em evidências e que fosse de preferência, feminista. Essa postagem teve 12 comentários e 8 curtidas.

4.2 Postagens do Vamos Juntas em setembro de 2022

No mês de setembro de 2022, as integrantes do grupo Vamos Juntas fizeram 62 postagens. O Gráfico 4 demonstra essa informação.

Gráfico 4 – Distribuição das postagens por conteúdo e número de recorrências – Setembro de 2022

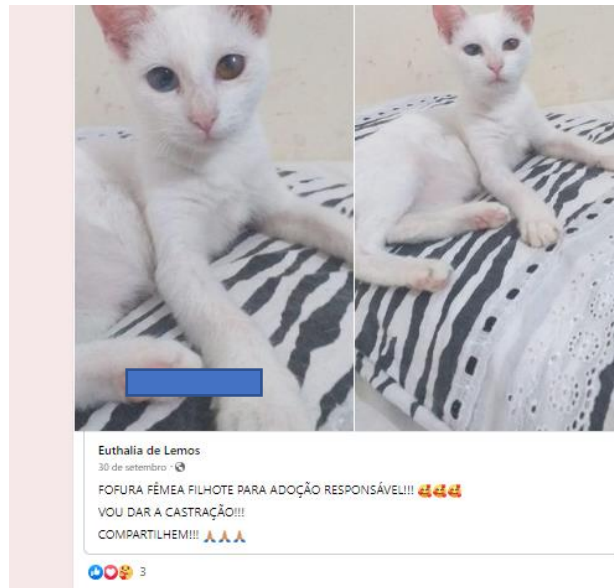


Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o gráfico, o maior percentual de postagens foi de assuntos relacionados aos animais. Foram 23 postagens com esse conteúdo. Dessas, 9 foram feitas pela mesma integrante e postadas em dias diferentes.

A imagem abaixo mostra a postagem com as características do gato disponível para adoção e também diz que a pessoa a castração do animal será garantida.

Figura 7



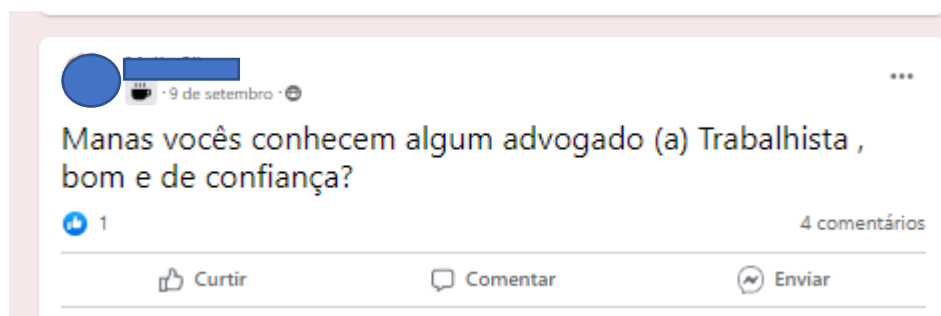
Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas

Nesse pedido de adoção responsável, a integrante do grupo pede ajuda, mas também se compromete a ajudar custeando a castração do animal. Nota-se que elas se ajudam mutuamente para a realização dos cuidados com os pets. Contudo, essa ajuda não se caracteriza como sororidade por se tratar de uma relação entre mulheres e animais, conforme já explicitamos anteriormente.

Não fica evidente neste tipo de postagem se as mulheres que se comprometem a ajudar, adotando animais, contam com a colaboração de homens para ficar com os animais ou contribuir de alguma forma com essa causa.

Em seguida as postagens com maior número foram aquelas que buscam por indicação de profissionais, serviços e estabelecimentos, com 16 publicações.

Figura 8



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Nesta postagem, a integrante pediu a indicação de um profissional da área jurídica, o que não é a mesma coisa de pedir orientação jurídica, pois ela não expôs nenhuma situação ou fato no grupo para ter uma opinião ou suas dúvidas sanadas por outras mulheres. Inclusive ela deixa claro que a indicação também pode se estender a um profissional homem.

Em terceiro lugar estão as postagens de oferecimento de serviços. Foram nove (09) no total.

Figura 9

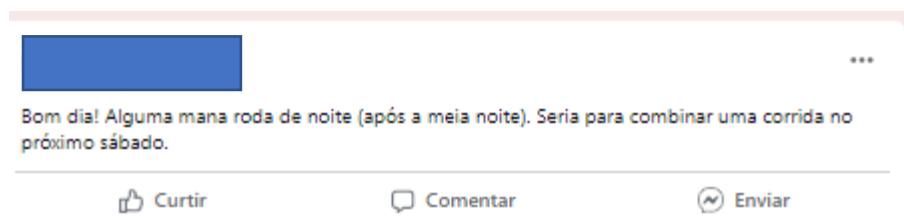
Por meio da massagem o corpo recebe o sinal do reflexo para ejeção do leite.
 A massagem deve ser feita antes da mamada, dessa forma, quando o bebê for mamar ele vai melhorando a forma de abocanhar e, conseqüentemente, melhorar a pega e sucção.
 A massagem também prepara a mama para que a mulher sinta menos incômodo, evitando possíveis fissuras e ingurgitamento mamário que pode resultar em algo mais delicado.
 É possível amamentar. Busque uma consultora em amamentação para te auxiliar.
[#amamentação](#) [#massagem](#) [#mamas](#)

Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Nesta mensagem, a integrante do grupo oferece um serviço de consultoria em amamentação. O texto vinha acompanhado de um cartaz com foto, descrição do serviço e contato. Removemos esse cartaz para resguardar os aspectos éticos desta pesquisa.

No tema busca por transporte ou carona, tivemos três (3) postagens.

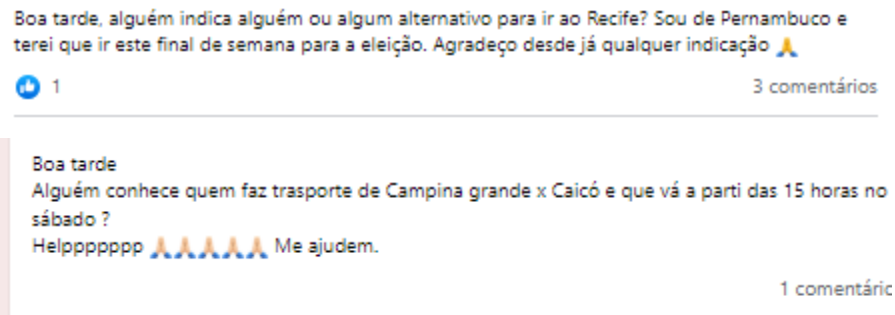
Figura 10



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Na postagem acima, feita no dia 1 de setembro, a integrante do grupo ressalta que o transporte o qual ela busca deve ser feito por uma mulher. Nas outras duas outras postagens que buscam serviços de transportes, as mulheres não explicitam esse requisito.

Figura 11



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Observamos que a busca nestas duas últimas postagens acima é para um serviço de transporte interestadual. O baixo número de motoristas mulheres que atuam no Brasil, como relatamos anteriormente, pode ser um fator para que elas não tenham distinção entre homens e mulheres na hora de buscar esse tipo de profissional.

Ainda no mês de setembro, encontramos duas (02) postagens em busca de orientação jurídica. Na primeira, a integrante do grupo relata ter sofrido um constrangimento em uma loja de utilidades domésticas e materiais de construção. Ela disse que teve um constrangimento extremo e as pessoas da loja fizeram uma proposta de dar R\$ 300,00 em dinheiro para esquecer o ocorrido. Ela disse ter se recusado e pediu R\$ 1 mil reais, mas a loja se negou.

A postagem segue dizendo que os funcionários da loja onde ela sofreu o constrangimento fizeram muita pressão e inclusive ligaram para ela fechar o acordo em dinheiro, mas ela disse que só fecharia pelo valor pedido por ela, inicialmente.

A mulher que alegou ter sofrido o constrangimento diz ter áudios e provas do ocorrido e pede para alguma que estiver no grupo “Vamos Juntas” opinar sobre a situação. No final da mensagem ela mostra que o ocorrido mexeu com ela a ponto de deixa-la sem dormir e questiona se o que aconteceu é porque ela estava desarrumada ou se seria pela cor dela? ⁸

Ela suplica pela ajuda de uma advogada. Vamos acompanhar o relato da integrante do grupo:

⁸ O *print* apresentando reproduz fielmente a forma como ela aparece na tela do *Facebook*, com supressão de algumas frases do relato.

Figura 12

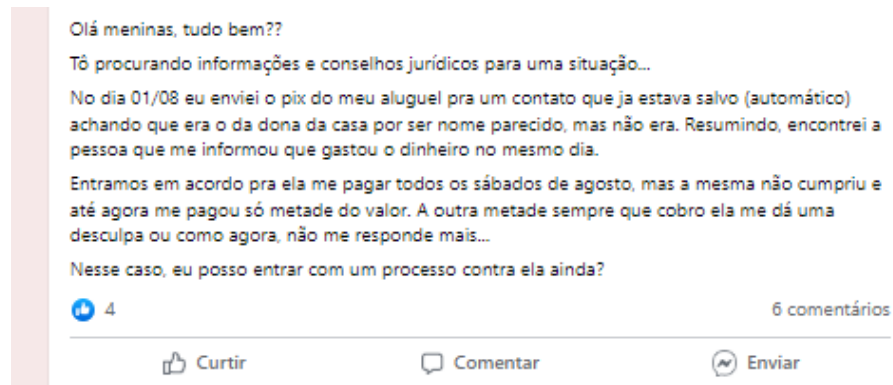


Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

A segunda postagem em busca de orientação jurídica refere-se a uma situação que envolve questões financeiras. A autora da mensagem pergunta se ela pode entrar com um processo contra uma pessoa a qual ela teria enviado de forma equivocada, um valor em dinheiro através do PIX⁹. Ela diz que após o ocorrido fez um acordo com a pessoa a quem ela tinha passado o pix errado, mas a mesma não cumpriu o trato e só pagou metade do valor e ainda não responde mais as mensagens enviadas por ela.

Segue o conteúdo da mensagem:

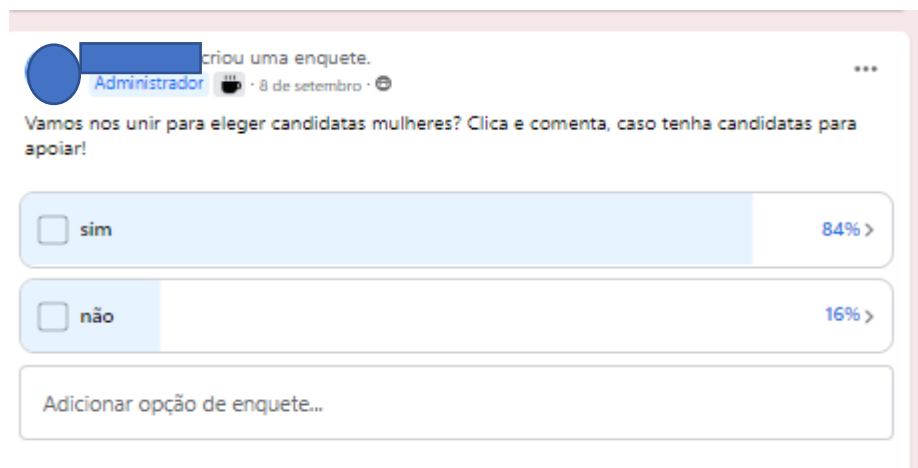
⁹ PIX é o pagamento instantâneo brasileiro criado pelo Banco Central (BC) em que os recursos são transferidos entre contas em poucos segundos, a qualquer hora ou dia. O PIX pode ser realizado a partir de uma conta corrente, conta poupança ou conta de pagamento pré-paga (BANCO CENTRAL. Acesso em 10 Mar. 2023 às 18h50).

Figura 13

Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Ficou evidente nas duas postagens de orientação jurídica como as mulheres demonstram confiança em relatar os casos ocorridos e veem no grupo um local onde elas podem se expor e obter ajuda.

No tema discussão política partidária, encontramos uma postagem do tipo enquete, que é pesquisa de opinião sobre um determinado assunto.

Figura 14

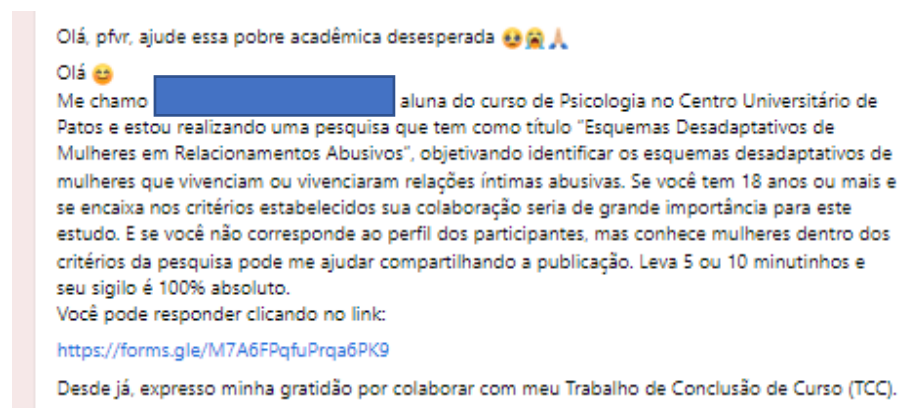
Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

A postagem foi feita por uma das administradoras do grupo e convoca as mulheres a se unirem para elegerem candidatas mulheres nas eleições que iriam acontecer no mês de outubro com o objetivo de eleger mais deputadas federais e estaduais, senadoras e governadoras.

O conteúdo encontrado nessa postagem ressalta a incidência de um ativismo feminista no grupo, voltado para maior representatividade feminina na política partidária, sendo uma das pautas do movimento de mulheres.

Tivemos três postagens que foram adicionadas ao tema “outros”, neste mês de setembro. A primeira delas, feita no dia 1 de setembro por uma estudante de Psicologia, pede que as mulheres do grupo Vamos Juntas respondam a um questionário com o tema: esquemas desadaptativos de mulheres em relacionamentos abusivos. A autora da mensagem afirma que o questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e pede que as mulheres que não se encaixarem no perfil da pesquisa possam repassar o questionário a outras mulheres. Ela deixa o *link* para as participantes responderem, agradece e diz garantir o sigilo das respostas.

Figura 15



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Nota-se que a abordagem da mensagem se refere a questão da violência contra a mulher, tema de objeto de estudo do TCC.

A segunda postagem, do dia 8 de setembro, pergunta se alguma mulher do grupo tinha um celular para desapegar (doar) ou trocar por uma tatuagem e ressalta que é urgente.

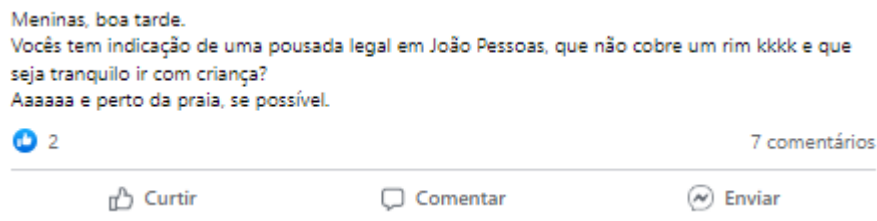
A terceira postagem, adicionada à categoria outros, é uma divulgação de um recital de compositores que seria realizado em Campina Grande, no dia 22 de setembro. Podemos notar que as postagens têm conteúdo bem distintos e as mulheres recorrem ao grupo em diferentes situações.

No que se refere às postagens que tiveram maior interação no mês de setembro, o destaque foi para a enquete publicada no dia 8 e adicionada a temática

“discussão político partidária”, já apresentada anteriormente, na qual doze (12) pessoas votaram nessa enquete, tendo a mesma recebido nove (09) comentários e uma (01) curtida.

A segunda mensagem com maior interação entre as participantes do grupo buscou por uma indicação de pousada que fosse tranquila para ir com criança e não fosse tão cara. A postagem foi publicada no dia 28 de setembro, teve sete (07) comentários e duas (02) curtidas e foi adicionada ao tema “busca por profissionais, serviços e estabelecimentos”.

Figura 16

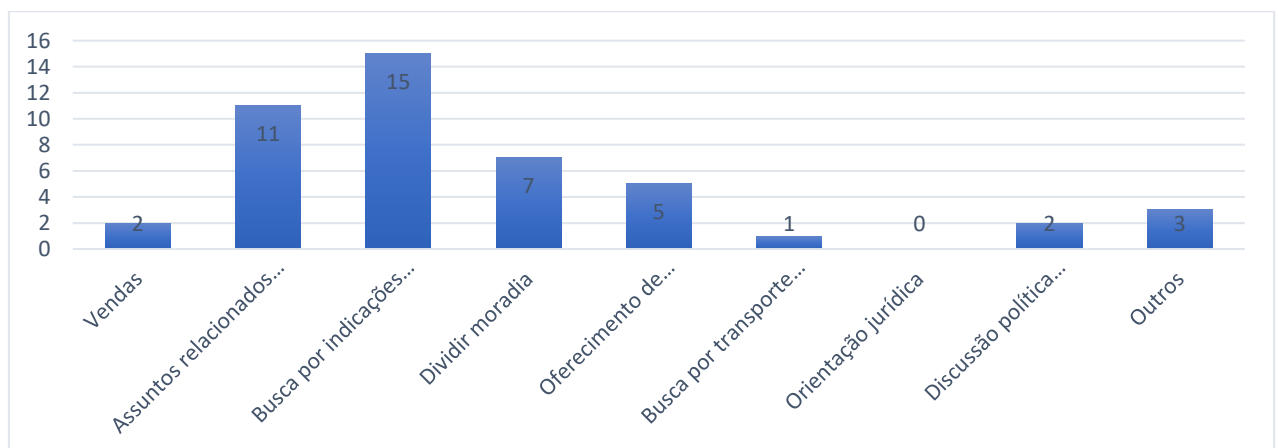


Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

4.3 Postagens do Vamos Juntas em outubro de 2022

Seguimos agora com a análise das postagens do mês de outubro, contabilizadas por nós em 46.

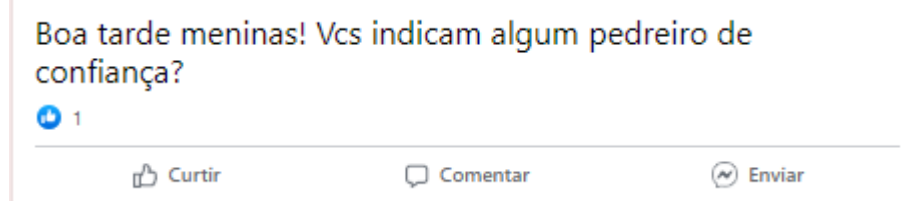
Gráfico 5 – Distribuição das postagens por conteúdo e número de recorrências – Outubro de 2022



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados, as postagens que tiveram uma maior recorrência pertencem ao tema busca por indicação de profissionais/serviços e estabelecimentos. Foram quinze (15) no total. Vejamos um exemplo desse tipo de postagem:

Figura 17

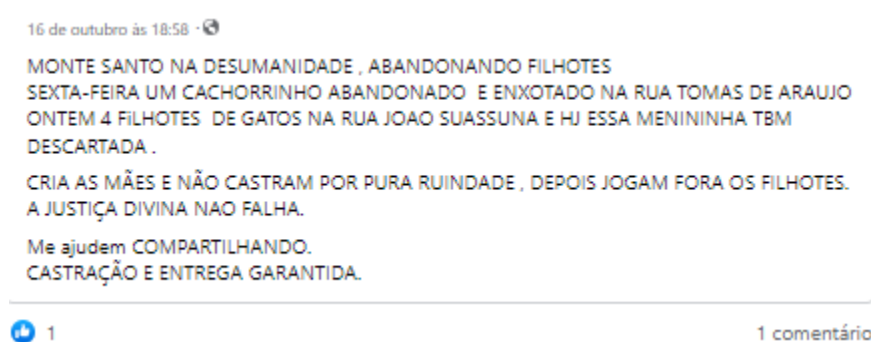


Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Nesta postagem, a busca é por um pedreiro de “confiança”. As mulheres do grupo confiam umas nas outras para buscar um profissional que não as coloque em risco. É uma troca de contatos e também de confiança.

O segundo tema com mais postagens foi referente a assuntos relacionados aos animais, com onze (11) mensagens.

Figura 18

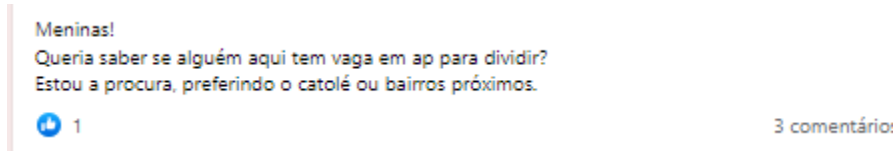


Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Nesta postagem, a integrante do grupo além de pedir que os animais sejam adotados, ela ainda traz um conteúdo de denúncia de abandono de animais que é considerado crime no Brasil e a pena pode variar de 2 (dois) a 5 (cinco) anos de reclusão, multa e proibição da guarda e está prevista no Art. 32 da Lei nº 9.605/98. (BRASIL, 1998).

O terceiro tema com o maior número de postagens esteve relacionada ao assunto de dividir moradia. As mulheres buscam outras mulheres para dividir casas, apartamentos e quitinetes.

Figura 19

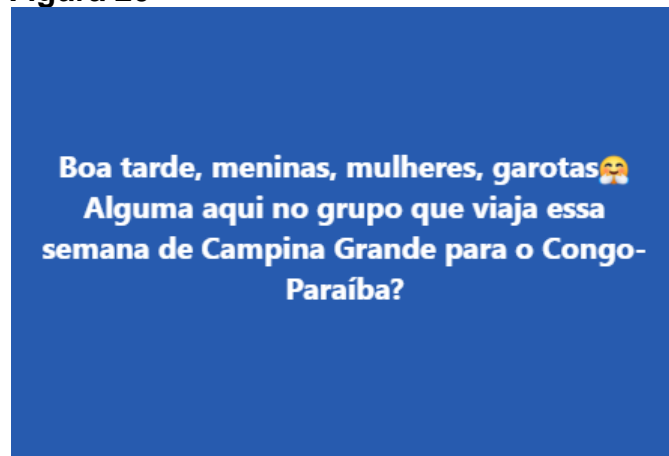


Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

O mês de outubro foi, dentre os meses analisados, o que teve o maior número de mulheres buscando dividir moradia com outras, num total de 7. No mês de agosto, 4 mulheres buscaram dividir moradia e no mês de setembro, o número também foi de 4 mulheres que apresentaram essa demanda no grupo.

Neste mês, a nossa análise mostrou que uma (01) integrante do grupo fez postagem em busca de dividir transporte ou carona.

Figura 20



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Na postagem a participante do Vamos Juntas deixa explícito que o interesse é apenas por mulheres e não deixa em aberto a possibilidade para motoristas homens, como pudemos observar em mensagens dos meses anteriores.

No tema discussão política, temos duas postagens. A primeira pede para as integrantes do grupo votarem em Jô Oliveira, do Partido Comunista do Brasil (PC do B), para deputada estadual. Jô Oliveira é militante, negra, assistente social e

vereadora de Campina Grande, eleita com 3.050 votos. Ela é uma candidata de esquerda e militante pelo direito das mulheres.

Figura 21



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

A segunda postagem da temática discussão político partidária pede para as mulheres do grupo votarem no então candidato a presidência do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), no segundo turno. O vídeo também elenca os motivos pelos quais as mulheres deveriam votar nesse candidato.

Figura 22



Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

A eleição de 2022 foi uma das mais acirradas da história do Brasil. De um lado, tentando se reeleger, o candidato da extrema direita Jair Bolsonaro do Partido Liberal

(PL) e do outro, tentando voltar a presidência 12 anos após o seu último mandato, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva do PT. Lula foi eleito no segundo turno com 60 milhões de votos (50,90%), enquanto Jair Bolsonaro (PL) recebeu 58 milhões de votos (49,10%).

O governo de Jair Bolsonaro foi marcado por escândalos de corrupção, perseguições, retrocessos e descaso com as áreas da educação, esporte, cultura, pelos ataques a ciência, pelo negacionismo durante a pandemia da COVID-19, pela volta do Brasil ao mapa da fome e pela postura misógina e machista.

Não foi feita nenhuma postagem no tema orientação jurídica, no mês de outubro de 2022. Dentro da categoria outros, tivemos três (03) postagens. A primeira, do dia 19, é uma divulgação para a campanha de vacinação contra a poliomielite que contava com posto de atendimento na Praça da Bandeira. A postagem também divulgou o “carro da vacina” o qual fazia rondas na cidade em busca de crianças que ainda não haviam se vacinado contra a doença.

A segunda postagem pergunta se algumas das mulheres do grupo conhecem algum presidente de Sociedade Amigos do Bairro (SAB) para uma conceder uma entrevista.

A terceira postagem procura pessoas ou instituições que estão precisando de doações de roupas. A autora da mensagem buscou informações no grupo por querer fazer a doação para pessoas que estão precisando.

Figura 23

DOAÇÃO DE ROUPAS

Manas estou com algumas peças para desapegar e queria saber se vocês sabem de alguém que está precisando ou até alguma instituição onde eu possa levar aqui em CG.

Não coloco em frente de casa para levarem porque as vezes a pessoa pega a roupa e mais pra frente joga no meio da rua. São peças em boas condições então acredito que possa servir para quem realmente quer.

Fonte: Grupo de *Facebook* Vamos Juntas.

Essa postagem da doação de roupas, e incorporada à temática outros, foi a segunda a ter mais interação durante o mês de outubro, com seis (06) comentários e quatro (04) curtidas).

A postagem que ficou em primeiro lugar nas interações, durante esse mês analisado foi por busca de indicação de apartamento para alugar. Ela teve dez (10) comentários e quatro (04) curtidas e foi incorporada à categoria dividir moradia.

Durante os três meses analisados em nossa pesquisa, foram postadas no grupo Vamos Juntas 177 mensagens. A tabela a seguir demonstra o compilado desses três meses.

Tabela 1 – Distribuição das postagens por conteúdo e número de recorrências nos meses de agosto, setembro e outubro 2022

Conteúdo \ Meses	Agosto	Setembro	Outubro	Total	Classificação
Vendas	2	1	2	5	7º
Assuntos relacionados aos animais	12	23	11	46	2º
Busca por indicações de profissionais, serviços e estabelecimentos	30	16	15	61	1º
Dividir moradia	4	4	7	15	4º
Oferecimento de serviços	13	9	5	27	3º
Busca por transporte ou carona	2	3	1	6	6º
Orientação jurídica	0	2	0	2	9º
Discussão política partidária	1	1	2	4	8º
Outros	5	3	3	11	5º
Total	69	62	46	177	

Fonte: Elaborada pela autora.

Agosto foi o mês que teve o maior volume de mensagens, totalizando 69, seguido de setembro com 62 e outubro com 46. Em agosto, o conteúdo que prevaleceu foi a busca por profissionais, serviços e estabelecimentos, com 30 postagens. Em setembro, o assunto mais buscado pelas integrantes foi a busca de mulheres para adotar animais e pedido de doações para ajudar no resgate e cuidados desses bichos, com 23. Em outubro, prevaleceu em 15 das suas 46 postagens a busca por indicação de profissionais/serviços e estabelecimentos.

Ficou evidente que, no total geral dos três meses analisados, a temática com maior número de postagens foi por busca de indicação de profissionais, serviços e estabelecimentos, com 61 postagens; seguida do tema relacionado aos animais, com 46 postagens; e em terceiro lugar ficou o oferecimento de serviços, com 27 postagens.

Em relação às temáticas de destaque, o de busca por transporte ou carona teve 6 postagens no período dos três meses analisados. O tema orientação jurídica foi o que menos teve publicações nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022, com apenas 2 postagens. O tema discussão política partidária teve 4 publicações durante os três meses, mesmo o Brasil vivendo um período eleitoral intenso e marcado pela disputa a presidência entre Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. O tema outros teve 11 postagens e teve conteúdos com temas variados.

Ao analisarmos as mensagens, podemos perceber que as integrantes fazem postagens diárias com os mais variados assuntos. Considerando que no grupo existem mais de 5 mil mulheres, ao analisarmos o nível de interação, constatamos que o número de comentários e curtidas é considerado fraco. Fazemos essa afirmação baseada nos estudos encontrados sobre o tema e citados anteriormente.

Um exemplo disso foi uma postagem feita por uma integrante do grupo convidando as mulheres a conhecerem sua empresa, uma loja de artigos femininos, e em seguida divulgarem a mesma através de suas redes sociais. A integrante que fez essa proposta divulgou o ¹⁰QRcode da empresa para que as outras integrantes do Vamos Juntas encontrassem a página da referida empresa de forma mais rápida.

Pela forma como o *post* foi apresentado, através do QRcode, acreditamos que a intenção era que as demais mulheres seguissem fazendo a divulgação nos comentários da mesma postagem, criando assim uma rede de divulgação. Contudo, a publicação teve apenas uma curtida e nenhum comentário. Percebemos que o uso do QRcode dificultou a interação, fazendo com que as mulheres não interagissem e não se disponibilizassem para conhecer e divulgar a empresa.

Fica um questionamento: será se as mulheres do grupo não possuem conhecimento digital suficiente para fazer esse tipo de divulgação com QRcode? Ou realmente elas não quiseram interagir e divulgar mutuamente os seus trabalhos, empoderando umas as outras? Becker e Barbosa (2016, p. 248) destacam que existem princípios fundamentais para a prática da sororidade e um deles é “a promoção da valorização individual e coletiva para fortalecer as relações”.

Outro exemplo relacionado à fraca interação das postagens no Vamos Juntas refere-se a mensagem publicada no dia 11 de agosto, já exposta anteriormente. Trata-

¹⁰ É uma espécie de código de barras criado para ser o sucessor do modelo antigo usado nos supermercados e lojas. Uma das vantagens é a possibilidade de ser escaneado usando a câmera do celular, *tablet* ou dispositivo similar (CANALTECH, 2022).

se da mensagem em que a usuária do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) teve um surto e colocou fogo na casa, a qual teve o maior número de interações tanto no mês de agosto, como nos demais meses analisados, com 16 comentários e 3 curtidas. Esses números representam menos de 0,5% do total de integrantes do Vamos Juntas, correspondente a 5 mil e 300 mulheres.

As mulheres poderiam oferecer um maior acolhimento as vítimas dessa situação e, assim, aumentar a rede de empatia e apoio que ultrapassasse o número de comentários. Mesmo constatando que existe a incidência de sororidade no grupo e vendo que ela ocorre através da ajuda mútua e voluntária em pedidos de ajuda, colaboração, indicação, entre outras formas relatadas em nossa análise, acreditamos que ela poderia ser maior e mais mulheres poderiam criar uma rede de apoio e empatia.

Verificamos que existe um intenso envolvimento das integrantes do grupo com a causa animal. Das 177 mensagens postadas ao longo dos três meses analisados, 44 tinham esse tema. Foram postagens com pedidos de doação de ração, doação de dinheiro para custear despesas de resgate, consultas e internação, além de pedidos de adoção e conscientização em relação a campanhas de vacinação antirrábica e de castração de animais.

Em relação ao ativismo político, verificamos pouca inserção de mensagens com essa temática. Apesar dos três meses de postagens analisados ter sido um período de grande disputa política, pouco foi encontrado sobre o tema no grupo. Foram feitas 4 postagens nos três meses analisados, sendo uma delas em forma de enquete. Dessas quatro (04) postagens com conteúdo político partidário, 2 foram feitas por uma das administradoras do grupo Vamos Juntas. No total, essas quatro (04) postagens, tiveram 15 comentários e 6 curtidas.

Apesar da baixa quantidade, as quatro postagens sobre política partidária no grupo Vamos Juntas trouxeram conteúdos importantes como: convocar as integrantes a votarem em mulheres e assim ter mais presença feminina nos espaços de poder; convidar mulheres para discutirem reivindicações e pautas com uma candidata ao senado, podendo haver espaço para propostas de políticas públicas, projetos e outros investimentos que assegurem os direitos das mulheres; levantar votos para a então candidata a deputada estadual Jô Oliveira, que foi eleita no ano de 2020 como a primeira vereadora negra de Campina Grande; e uma postagem com um vídeo alertando sobre a importância das mulheres não votarem em um candidato que

estímulo o machismo, a misoginia e ignore os direitos das mulheres, ressaltando os pontos positivos de se votar no governo Lula.

Podemos considerar que o pequeno número de postagens voltados para o teor político partidário reflete o cenário de tensão de perseguição política no qual foram realizadas as eleições de 2022. Esse cenário de tensão teve início na gestão do governo de Bolsonaro, podendo ser confirmado com o estudo realizado pelo observatório do Conhecimento em parceria com o ¹¹Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT) e com o Observatório Pesquisa, Ciência e Liberdade da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), no qual ficou evidente que 58% dos entrevistados disseram que em 2021 conheceram alguma pessoa que afirmou ter tido limitações ou interferências indevidas em pesquisas ou aulas. Outros 27% dos entrevistados afirmam já ter limitado aspectos de seu trabalho de pesquisa com medo de consequências negativas, e 43% consideram ruins ou péssimas as condições oferecidas por suas instituições para lidar com ameaças à liberdade acadêmica.

O ativismo político partidário verificado no grupo, mesmo que em poucas postagens, constitui-se em sororidade. Sororidade não é só o sentimento e a empatia por outras mulheres, mas também conscientizar e convocar as demais para uma luta política pelos seus direitos, além de contribuir para que outras mulheres possam chegar e permanecer nos espaços de poder defendendo os seus direitos. Becker e Barbosa (2016, p. 246) se referindo às práticas de sororidade, afirmam que: “Por meio dessa prática, as mulheres buscam transformar não somente suas relações com outras mulheres, mas sobretudo buscam transformações – especialmente políticas, econômicas e jurídicas”.

Os pedidos de orientação jurídica reforçam a perspectiva da sororidade defendida pelo grupo, na medida em que mulheres voluntárias, administradoras ou somente integrantes do grupo se disponibilizam para tirar dúvidas e oferecer uma direção para o problema que foi abordado.

A busca por indicações de profissionais, serviços e estabelecimentos demarcaram a prática da sororidade, principalmente pelo fato de terem sido priorizadas as mulheres como agentes principais para responder a essas demandas. O mesmo não acontece na busca por transporte devido ao pequeno número de

¹¹ <https://proifes.org.br/perseguiacao-do-governo-bolsonaro-reduziu-a-liberdade-academica-no-brasil/>

motoristas mulheres que trabalham nesse tipo de serviço. Dessa forma, os homens também são indicados pelas integrantes do grupo Vamos Juntas para atender as solicitações.

Entendemos que quando mulheres se propõem a se ajudarem, existe a incidência de sororidade. No Vamos Juntas, quem busca por algo, pode receber uma resposta voluntária de uma outra mulher, seja ela administradora do grupo ou integrante, e isso demonstra uma relação de contribuição com as outras e de empatia.

Acreditamos que as demandas são atendidas no grupo, dentro das suas possibilidades e contribuem para uma troca mútua, independente de classe social ou cor. Porém, não podemos deixar de entender que o grupo deveria ter uma maior interação entre as participantes, para uma sororidade mais efetiva/forte e que pudesse chegar a mais mulheres. Entendemos que o grupo Vamos Juntas vem resistindo na proposta de oferecer um lugar de acolhimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação buscou problematizar acerca da sororidade no grupo de *Facebook* Vamos Juntas, que reunia no momento da pesquisa, 5 mil e 300 mulheres de Campina Grande.

O processo de constituição do grupo Vamos Juntas se deu a partir do momento em que mulheres de Campina Grande fizeram um grupo de *Facebook* para poderem compartilhar caronas e irem ao Parque do Povo durante os festejos de São João. Elas acreditavam que unidas tinham mais segurança e conseguiam se proteger de abusos sexuais. Essa rede se ampliou e passou a agregar várias outras demandas das mulheres integrantes do grupo.

Dentre essas demandas, o grupo incorporou denúncias de violência contra as mulheres. A partir do momento em que uma dessas denúncias foi vasada e chegou até o suspeito de praticar a violência, a fundadora do Vamos Juntas passou a sofrer tentativa de silenciamento e processo judicial, o que a levou a abandonar o espaço virtual. Com o afastamento dela, as administradoras tomaram novo direcionamento no processo de mediação das mensagens, criando mecanismos para selecionar e tratar os conteúdos de violência contra as mulheres de forma privada, sem disponibilizá-los na página do *Facebook* do grupo.

As explicações das administradoras para buscarem construir uma aliança entre mulheres através do ambiente virtual foram retratadas devido o grupo se constituir em um local de acolhimento, sem a distinção de classe e raça, proporcionando um espaço seguro para as integrantes.

No momento da pesquisa, as principais demandas que estavam em evidência no grupo foram: busca por indicação de profissionais, serviços e estabelecimentos (61); assuntos relacionados aos *pets* (46); e oferecimento de serviços (27).

As mediadoras afirmaram haver prática da sororidade neste espaço, através da ajuda mútua entre as mulheres tanto na indicação e oferecimento de serviços.

Observamos que os assuntos relacionados aos *pets* tiveram um destaque entre as demandas do Vamos Juntas, ficando em segundo lugar entre os temas mais abordados pelas integrantes nos meses pesquisados. Mesmo essa prática entre mulheres e animais não sendo considerada sororidade, pois não encontramos em nosso arcabouço teórico alguma publicação que fizesse referência a essa empatia entre humanos e *pets*, essas demandas não interferem na proposta atual do grupo e ainda contribuem com as mulheres que lutam em prol da causa animal. Essa relação entre a sororidade e a causa animal está atrelada ao ecofeminismo, movimento de mulheres surgido na segunda metade do século XX, na qual elas questionam o sexismo dentro dos movimentos ambientalistas e também passam a se preocupar com a exploração do meio ambiente para manter o sistema de exploração patriarcal¹².

A sororidade também fica evidente também no grupo Vamos Juntas, na hora de prestar um esclarecimento jurídico de forma voluntária e no cuidado ao indicar moradia e transporte. Esse cuidado demonstra a empatia entre integrantes.

A incidência de ativismo feminista aparece no grupo quando são postadas questões relacionadas a política partidária. Houve a tentativa de conscientizar as integrantes a elegerem mais mulheres para os espaços de poder quando elas foram convocadas a participarem de conversas, levando questionamentos e sugestões de

¹² KUHNEN, T. A. ROSENDO, D. Ecofeminismos. In: **Blogs Unicamp**. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ecofeminismos/>.

OSÓRIO, A. Ecofeminismo, teorias do care e as críticas a protetoras de animais de rua. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/g37rWjtX3hrs7H3Q5hLNHgM/?format=pdf&lang=pt>.

políticas para as mulheres que estavam pleiteando cargos políticos nas eleições de 2022 e quando se mostrou, através de um vídeo, a importância das mulheres elegerem candidatos/as que atuem na defesa dos direitos femininos.

Também encontramos incidência de ativismo que defende bandeiras do feminismo quando uma integrante postou uma pesquisa que abordava questões voltadas a violência contra a mulher, a ser respondida pelas demais integrantes, assunto tratado em seu trabalho de conclusão de curso.

A incidência política feminista é pequena, comparada a outros assuntos que estiveram presentes no grupo em maior quantidade, como pedidos de indicação de profissionais, serviços e estabelecimentos. Contudo, não se pode negar a importância das postagens que tratavam das demandas do movimento de mulheres.

Apesar termos identificado temas que atendem a uma perspectiva de sororidade no Vamos Juntas e de reconhecermos que essa incidência é importante para ajudar mulheres, constatamos que o nível desta sororidade é baixo. Essa afirmação pode ser dimensionada quando num grupo de *Facebook* com 5 mil e 300 mulheres, a postagem que obteve a maior interação recebeu 4 curtidas e 16 comentários. Ou seja, se a interação que reflete os laços que conectam os indivíduos dentro do espaço virtual não acontece, não há resposta às demandas colocadas no grupo e conseqüentemente a sororidade acontece de forma fraca. Portanto, se faz necessária uma maior interação entre as participantes com os conteúdos postados para que a sororidade aconteça em um nível mais forte.

Quando realizamos o levantamento bibliográfico para elaboração do estado da arte acerca da temática da sororidade, percebemos que entre os anos de 2009 e 2017 foram encontradas apenas 5 publicações sobre a temática. Dentro do período anteriormente mencionado, encontramos uma lacuna de nenhuma publicação científica acerca da temática entre os anos de 2010 e 2014. Somente a partir do ano de 2018, o número de publicações sobre a sororidade começou a aumentar, chegando a 20 trabalhos científicos no período de 2018 e 2021. A área que mais concentrou produções científicas acerca da sororidade foi a de Comunicação e Jornalismo. Foi inegável o crescimento no número de publicações que enriquecem o debate sobre a temática, mas ainda há muito a ser explorado pelos pesquisadores sobre o tema.

Diante dos dados expostos acima, a presente dissertação vem a somar com a produção de conhecimento sobre a sororidade já existente e demonstrada em parte

neste trabalho e servir de fonte para outros pesquisadores que possam futuramente discutir a temática.

REFERÊNCIAS

- BACCI, C. A. Agora que estamos juntas: memórias, políticas e emoções feministas. *In: Rev. Estud. Feministas*. Florianópolis, SC. n. 2 vol.28, Mai. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x2020000200602&script=sci_abstract.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1ª ed. São Paulo: edições 70, 2016.
- BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 2002. Dos crimes contra a fauna e a flora. *In: Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, pág. 1-16, 12 de fev. 1998. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9605-12-fevereiro-1998-365397-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em 22 de março de 2022.
- BECKER, M. R. **A sororidade como experiência produzida na pesquisa participante**. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt06-3807.pdf>. Acesso em 22 de março de 2022.
- BECKER, M. R.; BARBOSA, C. M. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Rios e a experiência de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas. *In: Coisas do gênero*. São Leopoldo. V 2. N.2. 2016.
- BEZERRA, Pollyana Tereza Tavares. **Sororidade nas redes sociais: elas de mãos dadas numa ciranda contra a violência sobre as mulheres?** Dissertação em Ciências da Educação – Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2018.
- BLOGS UNICAMP. **Ondas do Feminismo**. Campinas. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em 22 de março de 2022.
- BORGES. Adrielly melo. **Sororidade com saber goiano: o feminismo pioneiro de Consuelo Nasser**. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Goiás, Anápoles, 2020.
- CÂMARA, J. Sororidade e consciência feminina: que irmandade de mulheres para que proposta política? *In: Revista Anticapitalista*, agosto de 2017. Disponível em: <https://redeanticapitalista.net/sororidade-consciencia-feminina-irmandade-mulheres-proposta-politica/>. Acesso em 15 de março de 2022.
- CANAVILHAS, J. M. A Internet como Memória. *In: Comunidades e coleções*, Covilhã, 2004 Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/710>. Acesso em 15 de março de 2022.
- CARVALHO, Lizia de Oliveira. RODRIGUEZ, Nidia Rosmery Bustillos. Comunicadoras Indígenas e Afrodescendentes Latino-Americanas: Sororidade e Identidades. *In: Rev.*

Estud. Fem. 27 (1), 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/RNzbQtNz6XHggNXHCXV5b4R/?lang=pt>. Acesso em 15 de março de 2022.

CESTARI, M. J. As mesmas e as novas mulheres do feminismo brasileiro. *In: Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1471-1484, set./dez. 2013. Disponível em:

http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/42/el42_v3_set-dez_14_v2.pdf?/estudoslinguisticos/volumes/42/el42_v3_set-dez_14_v2.pdf Acesso em: 22 de março de 2023. Acesso em 14 de março de 2022.

CENTRAL DE AJUDA. **Facebook**. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/286027304749263>. Acesso em 22 de março de 2023.

COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. **O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva**. *In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B (Org.)*. O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: Visual Editora e Gráfica Rápida LTDA, 2008.

COSTA, M. N. **Nós por nós: solidariedade feminina nas interfaces entre sororidade e dororidade - práticas e discursos em grupos de mulheres numa rede social digital**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: canos 70/80 do século XX). *In: Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.2, jul./dez. 2009.

FERNANDES, C. M. B. **Mulheres em Movimento: histórias contadas e vividas sobre sororidade, lutas e afetos**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GAIATO, Kris. **Posso pedir um Uber com motorista mulher?** [esportes.yahoo.com](https://esportes.yahoo.com/posso-pedir-um-uber-com-160000758.html), 2022. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/posso-pedir-um-uber-com-160000758.html>. Acesso em 22 de março de 2023.

GERHARDT, T, E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS editora, 2009.

GIRAUT, C. Subversão, sororidade e feminismo pela prática: o caso das funkeiras brasileiras. *In: Academia.edu*. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342392330_Subversao_sororidade_e_feminismo_pela_pratica_o_caso_das_funkeiras_brasileiras. Acesso em 10 de março de 2023.

GOMES, A. P.; VALE, R. P. G. A argumentação no reposicionamento de marca da Avon: do femvertising ao ethos de sororidade. *In: Revista Eletrônica de Estudos*

Integrados em Discurso e Argumentação. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2491>. Acesso em 8 de março de 2023.

Governo federal revoga decretos de enfrentamento à pandemia. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/23/governo-federal-revoga-decretos-de-enfrentamento-a-pandemia>. Acesso em 15 de março de 2023.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book (Edição do Kindle).

Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. *In: Portal Fiocruz*, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em 22 de março de 2023.

LAGARDE, M. Enemistad y sororidad: Hacia una nueva cultura feminista. *In: e-mujeres.net*. México, 2012. Disponível em: <https://e-mujeres.net/wp-content/uploads/2016/08/Enemistad-y-sororidad.pdf>.

LAMAZALES, C. B. **A sororidade como fator de sucesso para a jornada do empreendedorismo feminino através do *design thinking*.** Dissertação (Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing) - Faculdade de Design, 2021

LEAL, T. **A invenção da sororidade.** 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

LEAL, T. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. *In: Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3., 139–164, 2020.

LEMOS, M.G. **Ciberfeminismo:** novos discursos do feminino em redes eletrônicas. 2009 Dissertação (mestrado em *Comunicação e Semiótica*) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=163890.

LISBOA, A. O que é QR Code? *In: Terra.com.br*, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/o-que-e-qr-code,482f6706808dd7801dacd517306081dcmgvb4tyw.html#:~:text=O%20QR%20Code%20ou%20C%C3%B3digo,celular%2C%20tablet%20ou%20dispositivo%20similar>. Acesso em 20 de março de 2023.

LOURENÇO, M. Jô Oliveira, primeira vereadora negra de CG, fala sobre sua trajetória de vida, luta e racismo. *In: Brasildefatopb*, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2021/11/30/jo-oliveira-primeira-vereadora-negra-de-cg-fala-sobre-sua-trajetoria-de-vida-luta-e-racismo>. Acesso em 07 de agosto de 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MACEDO, Fernanda Beatriz Ferreira. **Feminismo além das mídias sociais: um estudo exploratório sobre sororidade e feminismo entre professoras dos anos iniciais do ensino fundamental.** Trabalho de Conclusão de Especialização em Gênero e Diversidade na escola – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MARTINS, Carla. **Coleção Mídia e Jornalismo.** Ed. Portugal: Alethêia Editores, 2015.

MARTINS, L. G. S. **Sororidade na educação: uma experiência com oficina de empoderamento feminino.** Dissertação (Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação) - Faculdade de Educação, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26701>. Acesso em 8 de março de 2023.

MELO, C, T, V. VAZ, P, R, G. E a corrupção coube em 20 centavos. *In: Galaxia*, São Paulo, n. 39, set-dez., 2018, p. 23-38. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/34843>.

MICHELLIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVqoW>. Acesso em 22 de março de 2023.

MIGUEL, Luís Felipe. BIROLI, Flávia. Feminismo e Política: uma introdução. *In: Feminismo e Política.* (Org.). 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2014.

Ministério da Saúde declara fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19. *In: Ministério da saúde*, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19>. Acesso em 22 de março de 2023.

No mês dedicado às mulheres, DNIT revela estudos com número de habilitadas no país. **Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/assuntos/noticias/no-mes-dedicado-as-mulheres-dnit-revela-estudos-com-numero-de-habilitadas-no-pais>. Acesso em: 22 de março de 2023.

NÓBREGA, Z. **A festa do maior São João do mundo dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande.** Tese (Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

NUNES, A. P. G; VALE, R. P. G. A argumentação no reposicionamento de marca da Avon: do femvertising ao ethos de sororidade. *In: Revista EID&A*. Ilhéus, BA. n. 20, v.1, jan/abr.2020. disponível em:

<https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2491>. Acesso em 24 de março de 2022

OLIVEIRA, L. M.; CARREIRA, S.S.G. Migrações, especularidade e sororidade: as trajetórias identitárias empoderantes das protagonistas de *A Hora da História*, de Thrity Umrigar. *In: Soletras revista*. n. 38, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/45470>.

O que é Pix? *In: Banco Central do Brasil*. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/pix>. Acesso em 22 de março de 2023.

PENKALA, Ana. A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série *Orange is the new black*. *In: Paralelo31*, Pelotas, n. 3, p. 212 a 228, dezembro de 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10216>.

Perseguição do governo Bolsonaro reduziu a liberdade acadêmica no Brasil. **proifes.org.br**. Disponível em: <https://proifes.org.br/perseguiacao-do-governo-bolsonaro-reduziu-a-liberdade-academica-no-brasil/>. Acesso em 22 de março de 2023.

QUEIROZ, E. F. C. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. *In: Panorama*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 2-5, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5574#:~:text=Resumo,do%20que%20acontece%20nas%20ruas>. Acesso em 7 de março de 2023.

QG FEMINISTA. **O que são as “ondas” do feminismo?** Disponível em: <https://qgfeminista.org/o-que-sao-as-ondas-do-feminismo/>. Acesso em 21 de março de 2022.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na Internet**. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Traduzido por Carlos Guilherme do Valle. Rio Grande do Norte: 2010. *In: Revista Bagoas*, RN. n. 05, p. 17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em 20 de março de 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. Scielo.br, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/qKKQXTJ3kQm3D5QMTY5PQqw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 16 de set. 2021.

SCHERER, C. Encontros Nacionais de Ministras da IECLB como Espaços Vitais de Sororidade. *In: Coisas do gênero: revista de estudos feministas em teologia e religião*, São Leopoldo. 2018. Acesso em 17 de setembro de 2021.

SCHERER, C. **Sororidade**: uma discussão conceitual, narrativas bíblicas e a experiência dos encontros de ministras da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Dissertação (programa de teologia) - Faculdade Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2018.

SILVA, Ivana Carolina Santos. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. Brasília. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Silveira, A. **O que é sexting?** Saiba tudo sobre a prática de sexo por mensagens: Conheça a atividade comuns entre os jovens que esconde riscos à privacidade. [2019]. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/o-que-e-sexting-saiba-tudo-sobre-a-pratica-de-sexo-por-mensagens.ghtml>. Acesso em 5 de março de 2023.

SOUZA, Babi. **Vamos Juntas?: O Guia da Sororidade Para Todas**. Ed. 1. Rio de Janeiro: *Editora - Galera Record*, 2016.

Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, Lisboa, 2020. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/36886/2/Dissertacao_CamilaLamazales.pdf. Acesso em 3 de setembro de 2021.

TIBURI, Marcia. Prefácio. *Vamos Juntas? O guia da sororidade para todas*. Ed. 1. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

TORRES, C. Movimento lésbico brasileiro: história, pautas e conquistas. *In: Politize*, janeiro de 2021. Disponível em: www.politize.com.br/movimento-lesbico-brasileiro/. Acesso em 22 de março de 2023.

WEBBER, M. A. **Sororidade sem Barreiras**: Limites e Conexões no Enfrentamento à Violência de Gênero na Fronteira BR–PY. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Integração Paraguai-Brasil: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, 2021.

WOLFF, Tayná Campos. A luta por sororidade: União feminina e uma experiência militante na palhaçaria. *In: Revista Artes da Cena*, v. 6 n. 1 (2020). Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/61179>. Acesso em 21 de março de 2023.

IV CONGRESSO SOBRE MEMÓRIA E SENSIBILIDADE, 2018, Bahia. *In: Anais [...]*. 2009. Tema: Memória e Sensibilidade: Cenários da experiência cultural contemporânea. Múltiplos atores e saberes na educação de surdos. Inclui

bibliografia. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/>
Acesso em: 22 mar. 2023.

VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E DO III LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE, 2018, Rio Grande. *In*: Anais [...] Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2018. Tema: Nós, mulheres: A importância da sororidade e do empoderamento feminino. Inclui bibliografia. Disponível em: http://www.7seminario.furg.br/_ Acesso em 07 de agosto de 2023.

27º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2018, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Encontro Anual da COMPÓS, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2018/trabalhos/a-etica-da-sororidade-sentimentos-morais-genero-e-midia?lang=pt-br>.

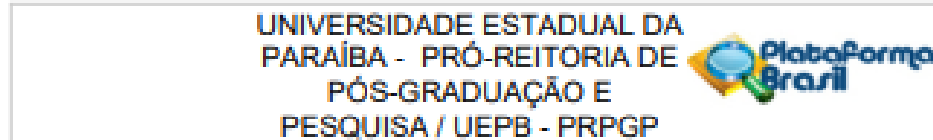
ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA 1

- 1- Qual a sua idade?
- 2 - Qual o seu grau de formação?
- 3 - Como você conheceu o grupo Vamos Juntas?
- 4 -Desde quando você é administradoras do grupo?
- 5 - Existe alguma regra para ser administradora? Qual?
- 6 - Você acredita que essa é uma função importante para o grupo? Por quê?
- 7- Você acredita que a proposta do grupo de promover a sororidade entre as participantes vem sendo atendida? De que forma?
- 8 - Como é feita a filtragem das postagens do grupo? O que é observado?
- 9 - Qual a demanda que chegou ao grupo que mais lhe impactou? Por quê?
- 10 - Qual a importância das mulheres terem esse grupo dentro de um espaço virtual?
- 11 - Alguma das administradoras ou integrantes já sofreu alguma tentativa de intimidação por ter postado algum conteúdo?
- 12 - Você participa de algum outro coletivo de mulheres, qual?

ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA 2

- 1 - Como surgiu o grupo Vamos Juntas?
- 2 - Por que denúncias de abusos sexuais não são mais postadas no grupo Vamos Juntas? Quando deixaram de ser postadas?
- 3 - O grupo conta com uma organização judicial? Para orientar as mulheres que buscam orientações para algum tipo de demanda que necessite advogados?
- 4 - Como são tratadas as postagens de violência contra a mulher?
- 5 - Como e se o grupo se organizou para ajudar a fundadora quando ela foi ameaçada de processos por expor homens nas postagens do grupo?

ANEXO C – PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA



Continuação do Parecer: 5.963.965

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

INEXISTE PENDÊNCIAS E OU INADEQUAÇÕES QUE O PESQUISADOR NECESSITE ESCLARECER. RECOMENDAMOS OBSERVÂNCIA ATENTA E CRITERIOSA DURANTE EXECUÇÃO PARA GARANTIR O CUMPRIMENTO DA RESOLUÇÃO.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto foi avaliado pelo colegiado, tendo recebido parecer APROVADO. O pesquisador poderá iniciar a coleta de dados, ao término do estudo deverá ENVIAR RELATÓRIO FINAL através de notificação (via Plataforma Brasil) da pesquisa para o CEP – UEPB.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMações BÁSICAS DO PROJETO - 1883678.pdf	26/07/2022 09:55:07		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tole.pdf	16/06/2022 19:38:14	MARIA ROBERTA MEDEIROS ANGELIM	Aceito
Outros	TAI.pdf	16/06/2022 19:30:00	MARIA ROBERTA MEDEIROS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	comite_de_etica_projeto.docx	16/06/2022 19:25:25	MARIA ROBERTA MEDEIROS ANGELIM	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostook.pdf	16/03/2022 10:40:20	MARIA ROBERTA MEDEIROS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	consentimento.pdf	11/01/2022 22:56:07	MARIA ROBERTA MEDEIROS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	top.pdf	11/01/2022 22:43:41	MARIA ROBERTA MEDEIROS	Aceito
Declaração de concordância	declaracaconcordancia.pdf	11/01/2022 22:41:40	MARIA ROBERTA MEDEIROS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. das Barrocas, 351- Campus Universitário			
Bairro: Bodocongó		CEP: 58.109-753	
UF: PB	Município: CAMPINA GRANDE		
Telefone: (83)3315-3373	Fax: (83)3315-3373	E-mail: cep@reitor.uepb.edu.br	